

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Jacilene Cruz Ferreira

A DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL BRASILEIRO

Taubaté – SP

2020

Jacilene Cruz Ferreira

A DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL BRASILEIRO

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais e Letras da Universidade de Taubaté para obtenção do Certificado de Graduação pelo curso de Licenciatura em História da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Me. Armindo Boll.

Taubaté – SP

2020

SIBi - Sistema Integrado de Bibliotecas – UNITAU

F384d Ferreira, Jacilene Cruz

A discriminação racial no futebol brasileiro / Jacilene Cruz

Ferreira. -- 2020.

61 f. : il.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté,
Departamento de Ciências Sociais e Letras, 2020.

Orientação: Prof. Me .Armando Boll, Departamento de Ciências
Sociais e Letras.

1. História do esporte. 2. Futebol. 3. Racismo. 4. Negros.
I. Título.

CDD – 796.334

Jacilene Cruz Ferreira

A DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL BRASILEIRO

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais e Letras da Universidade de Taubaté, como trabalho de conclusão do curso de História.

Orientador: Prof. Me. Armindo Boll.

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Me. Armindo Boll.

Assinatura: _____

Prof. Dr. Moacir José dos Santos

Assinatura: _____

Prof.^a Dr.^a Maria Fátima de Melo Toledo

Assinatura: _____

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, em segundo aos meus pais, José Luiz e Jacinta que tanto lutaram por mim e em terceiro aos meus professores que me ajudaram a alcançar mais um objetivo na vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo da minha vida, e não somente nestes anos como universitária, mas que em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer.

A esta universidade, a todos os professores por me proporcionar o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional, a direção, administração, principalmente ao Prof. Me. Armino Boll, meu orientador, pelo empenho, dedicação e confiança que me auxiliou com grande maestria na elaboração deste trabalho e também a Prof. Dr^a. Maria Fátima de Melo Toledo e ao Prof. Dr. Moacir José dos Santos por terem aceitado o meu convite em participar da banca, é uma honra para mim ser avaliada por professores tão competentes e que me inspiram na carreira.

Agradeço a minha mãe Jacinta, heroína que me deu apoio, incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço. Ao meu pai, José Luiz, que apesar de todas as dificuldades me fortaleceu e que para mim foi muito importante, sem eles, eu não teria conseguido concluir esse curso.

As amigos e colegas que fiz nesses anos de curso, sempre serão lembrados com muito carinho e a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

“Branco, mulato ou preto. Porque em foot-ball não havia mais nem o mais leve vislumbre de racismo. E quem está na geral, na arquibancada, pertence à mesma multidão. A paixão do povo tinha de ser como o povo, de todas as cores, de todas as condições sociais. O preto igual ao branco, o pobre igual ao rico”.

(Mario Filho, 1947)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo fazer uma breve reflexão sobre as origens do futebol masculino no Brasil como também, ressaltamos a presença dos negros no futebol brasileiro, buscando evidenciar que, mesmo após o fim da escravidão em 1888, os negros ainda continuaram sendo discriminados, nos dias atuais, no futebol brasileiro. Além disso, temos a intenção de refletir sobre as consequências emocionais causadas nos atletas e no público em geral pelo racismo. O trabalho baseou-se em pesquisas bibliográficas tendo como principais autores o jornalista e escritor Mario Filho e o historiador Hilário Franco Júnior e também foi realizada uma pesquisa documental em veículos de ambiente digital. A justificativa da abordagem desse tema é devido ao aumento de casos de racismo registrados nos últimos anos. Fazemos um recorte temporal, a chegada do futebol inglês ao Brasil, discorrendo sobre o primeiro jogo em que se tem registro em São Paulo, como também, os primeiros clubes no Brasil. O profissionalismo no futebol só foi oficializado em 1933 e a formação das associações e federações que seriam responsáveis pelo futebol em 1962. Após a profissionalização do futebol, os jogadores começaram a ser pagos de acordo com o seu nível técnico. Com isso, os clubes começaram a ter uma postura diferentes, sendo cada vez mais aceita a presença de negros e mulatos nos times, o que não significava ainda, que a sociedade elitizada aceitava a sua presença. Relatamos como está se dando o combate ao racismo no século XXI e sobre os atuais casos que ocorreram no Brasil, pois eles têm tido mais repercussões.

Palavras chave: História do esporte, futebol, racismo, negros.

ABSTRACT

This research has as objective to make a brief reflection on the origins of the masculine soccer in Brazil as well, we emphasize the presence of the blacks in the Brazilian soccer, trying to show that, even after the end of the slavery in 1888, the blacks still continued to be discriminated, in the current days in Brazilian football. In addition, we intend to reflect on the emotional consequences caused by athletes and the public in general by racism. The work was based on bibliographic research with journalist and writer Mario Filho and historian Hilário Franco Júnior as main authors, and a documentary research was also carried out in digital environment vehicles. The justification for addressing this issue is due to the increase in cases of racism registered in recent years. We make a temporal cut, the arrival of English football in Brazil, discussing the first game in which São Paulo is registered, as well as the first clubs in Brazil. Professionalism in football was only made official in 1933 and the formation of associations and federations that would be responsible for football in 1962. After the professionalization of football, players started to be paid according to their technical level. With that, the clubs started to have a different posture, being more and more accepted the presence of blacks and mulattos in the teams, which did not mean yet, that the elite society accepted its presence. We report how the fight against racism is taking place in the 21st century and the current cases that have occurred in Brazil, as they have had more repercussions.

Keywords: History of sport, football, racism, blacks.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O primeiro campo do Bangu, com a Fábrica de Tecidos ao lado.	16
Figura 2 Estádio Alfredo Schürig, Fazendinha	18
Figura 3 Lei Nº 3.199/41	24
Figura 4 Ata de mudança de nome do Palestre Itália para Palmeiras.	26
Figura 5 Reprodução	32
Figura 6 Ao integrar o time do Bangu, em 1904, Carregal (com a bola) tornou-se o primeiro jogador negro a disputar uma partida oficial no Brasil.....	34
Figura 7 Time do Vasco em 1923.....	38
Figura 8 Jornal Correio do Povo – A Diretoria do Gremio Foot-Ball Porto Alegre vem trazer ao conhecimento de seus associados e simpatizantes que, por decisão unanime, resolveu tornar insubsistente a norma que vinha sendo seguida de não incluir atletas de côr em sua representação de futebol”	45
Figura 9 Roger Machado a esquerda e Marcão a direita em campanha contra o racismo.	48
Figura 10 Casos de racismo no futebol brasileiro	50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC – Atlético Clube

AM – Amazonas

APAD – Associação Porto-Alegrense de Desportos

APEA – Associação Paulista de Esportes Atléticos

CBD – Confederação Brasileira de Desportos

CBF- Confederação Brasileira de Futebol

CBJD – Código Brasileiro de Justiça Desportiva

CND – Conselho Nacional de Desportos

CNE – Conselho Nacional de Educação

FC – Futebol Clube

FIFA – Federação Internacional de Futebol

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LAF – Liga de Amadores de Desportos

LPF – Liga Paulista de Futebol

MG – Minas Gerais

P. – Página

RJ – Rio de Janeiro

S.D – Sem Data

SP – São Paulo

STJD – Supremo Tribunal de Justiça Desportiva

TJD – Tribunal de Justiça Desportiva

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. BREVE HISTÓRICO DO SURGIMENTO DO FUTEBOL NO BRASIL	14
1.1 – O início do profissionalismo.....	20
1.2 – As copas do mundo dos anos de 1934 á 1962	22
2. PRETO NO BRANCO: OS NEGROS NO FUTEBOL BRASILEIRO	33
2.1 – A luta do negro por espaço no campo	35
2.2 – Os negros na Seleção Brasileira de futebol.	41
3. BRASIL, “PAÍS DO FUTEBOL”	45
3.1 – Os casos de discriminação racial atuais que mais chamaram a atenção da mídia.....	46
3.2 – A luta contra o racismo continua	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	58

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo fazer uma breve reflexão sobre a história dos negros no futebol brasileiro.

Ao abordar a história do futebol no Brasil é difícil analisá-la sem recorrer ao contexto político e social de cada momento. “Muito além de uma atividade lúdica, o futebol também pode ser considerado um fenômeno social e um produto cultural capaz de revelar traços da nossa sociedade e auxiliar na construção de uma identidade nacional.” (DIUANA, 2014)

Desde o início do século XX, anos após a abolição da escravatura no Brasil, até os dias de hoje, quando as denúncias contra o racismo se fizeram mais presentes na nossa sociedade, investigar o contexto histórico em que se dá os episódios racistas que nos pode ajudar a compreender suas motivações e a questioná-las.

Nesta pesquisa destacamos a origem do futebol no Brasil, como foi o seu início, ressaltando a presença dos negros no futebol brasileiro, buscando evidenciar que, mesmo após o fim da escravidão em 1888, os negros ainda continuaram sendo discriminados, no caso presente, no futebol brasileiro. Além disso, temos a intenção de refletir sobre as consequências emocionais causadas nos atletas e no público em geral pelo racismo.

O trabalho baseou-se em pesquisas bibliográficas tendo como principais autores o jornalista e escritor Mario Filho e o historiador Hilário Franco Júnior e também foi realizada uma pesquisa documental em veículos de ambiente digital.

A justificativa da abordagem desse tema é devido ao aumento de casos de racismo registrados nos últimos anos e a gravidade do problema sociorracial, como forma de exclusão social, sendo relevante mostrarmos que mesmo após o final da escravidão no Brasil, em 1888, o racismo ainda está no nosso meio, por isso, consideramos o fato de que nossa pesquisa possa ajudar promover discussões acerca destes episódios, além de propagar informações socioeducativas e políticas sociorraciais.

Nosso trabalho subdivide-se em três capítulos: o primeiro, faz um recorte temporal, a chegada do futebol inglês ao Brasil, discorrendo sobre o primeiro jogo em que se tem registro em São Paulo, como também, os primeiros clubes, como a Associação Atlética Ponte Preta, em Campinas, em 1900; no Rio de Janeiro, o Fluminense Foot-ball Club, em 1902, e o clube que foi pioneiro na aceitação dos negros, pobres e mestiços, o Bangu, fundado em 1905, no estado do Rio de Janeiro.

O profissionalismo no futebol só foi oficializado em 1933 e a formação das associações e federações que seriam responsáveis pelo futebol a partir de suas fundações como por exemplo a Confederação Brasileira de Desportos, a CBD, até o bicampeonato mundial da seleção brasileira, em 1962, que contou com um time miscigenados tendo como seu principal jogador um negro, chamado Pelé.

No segundo capítulo discorre sobre o racismo no futebol brasileiro, desde o primeiro jogador negro a jogar em um clube, Arthur Friedenreich que, apesar de ter olhos verdes e ser mulato, ficava horas alisando o seu cabelo antes de entrar em campo para disfarçar os seus traços de negritude. Após a profissionalização do futebol, os jogadores começaram a ser pagos de acordo com o seu nível técnico e a cor da sua pele passou a ser uma questão menos importante o que nos levou a conhecer jogadores que iriam trazer muitas alegrias ao futebol brasileiro como Leônidas da Silva, que brilhou na Copa do Mundo em 1938 vestindo a camisa canarinho. Com isso, os clubes começaram a ter uma postura diferentes, sendo cada vez mais aceita a presença de negros e mulatos nos times, o que não significava ainda, que a sociedade elitizada aceitava a sua presença.

Até a Copa do Mundo de 1958 ainda existiam muitas dúvidas sobre a habilidade do negro no futebol, mas quando a Seleção Brasileira foi campeã da Copa do Mundo de futebol com um time miscigenado neste ano tendo como seu melhor jogador um negro. Além disso, após a conquista do Bicampeonato na Copa do Mundo de 1962, o mundo do futebol “se curvaria” perante o bicampeão do mundo que se tornaria daí o país do futebol.

No terceiro capítulo relatamos como está se dando o combate ao racismo no século XXI e sobre os atuais casos que ocorreram no Brasil, pois eles têm tido mais repercussões, o que tem aumentado a cobrança das autoridades no sentido de uma punição exemplar, como os casos do goleiro Aranha, que jogava no Santos F.C. e o do jogador Tinga que jogava no Cruzeiro E.C. ambos ocorridos em 2014, foram marcos recentes da história do racismo no futebol brasileiro, os quais tiveram grande repercussão fazendo com que as autoridades do futebol tomassem decisões advertindo os clubes.

1. BREVE HISTÓRICO DO SURGIMENTO DO FUTEBOL NO BRASIL.

“Formamos um paiz mestiço... somos mestiços se não no sangue ao menos na alma”.
(Romero, 1895, apud SCHWARCZ, 1957, p. 11)

O futebol no Brasil chegou por meio de Charles Miller, um brasileiro, filho de um pai escocês e de mãe brasileira, que foi enviado à Inglaterra aos nove anos para terminar seus estudos. Em seu retorno, em 1894, trouxe consigo “dois uniformes, um par de chuteiras, duas bolas, uma bomba de ar, um livro de regras e o desejo quase apostólico de desenvolver o esporte entre seus pares.” (FRANCO JÚNIOR, 2007)

O esporte, que se tornaria uma das maiores paixões nacionais, realizou a sua primeira partida em 14 de abril de 1895, na várzea do Carmo em São Paulo, onde Miller organizou um jogo entre duas instituições, o São Paulo Railway e a Companhia de Gás, que eram formadas por ingleses radicados na capital paulista. O jogo terminou 4x2 para o primeiro time, no qual Miller jogava.

Cerca de quatro décadas depois a identidade brasileira passou a ser construída em boa parte em torno do novo esporte. Em 1938, Gilberto Freyre em seu livro *Foot-ball mulatto*, analisa aquele fazer histórico e observa:

“Nosso estilo de jogar futebol me parece constatar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresas, de manhã, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de brilho e de espontaneidade individual [...] [que] parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o *mulatismo flamboyant* e ao mesmo tempo malandro que está hoje em todo que é afirmação verdadeira do Brasil”
(FREYRE, 1938)

No início, o futebol era jogado exclusivamente pela elite paulistana, sendo excluída a grande massa de trabalhadores, que saem do campo para trabalhar nas indústrias que surgem e se concentram ao longo da ferrovia Jundiaí-Santos. Além, dos negros recém libertos pela lei Aurea, dos quais ficaram sem terra e sem trabalho impedidos de participar dessa atividade esportiva.

“Em 1898 foi fundada a Associação Atlética Mackenzie College, primeiro time constituído exclusivamente por brasileiros; em 1899 o Sport Club Internacional, reunindo ingleses e brasileiros, ano seguinte, o Club Atlético Paulistano, com representantes de tradicionais famílias da cidade de São Paulo; em 1902, a Associação Atlética das Palmeiras, criada por jogadores do segundo time do Paulistano, que se desligaram de seu clube original.” (FRANCO JÚNIOR, 2007)

No município de Campinas no estado de São Paulo, fundou-se a Associação Atlética Ponte Preta em 1900. No Rio de Cox, o Fluminense Foot-ball Club e o Rio Foot-ball Club ambos em 1902, o Botafogo Foot-ball Club, o América Foot-ball Club, o Bangu Athletic Club, esses em 1904. Flamengo e Vasco da Gama já existiam desde o fim do século, ambos se dedicando ao remo. O primeiro, só criaria seu departamento de futebol em 1911; o segundo, em 1923. No Rio Grande do Sul foi fundado o Esporte Clube Rio Grande em 1900, com mesmo nome, em Minas, o Sport Club Belo Horizonte em 1904, em Recife, o Club Náutico Capeberibe em 1901, em Salvador, o Vitória Foot-ball Club, em 1905.

Segundo Hilário Franco Júnior, em seu livro *A Dança dos Deuses: Futebol, Cultura e Sociedade*, os jesuítas já haviam introduzido um jogo parecido com o *football association* em 1890 no Colégio São Luís, em Itu, no estado de São Paulo, no qual apenas jovens da elite poderiam participar. Em maio de 1893, o padre Luís Yabar, um dos jesuítas responsáveis pela construção do Colégio Anchieta, em Nova Friburgo (RJ), introduziu as regras definitivas para o futebol praticado no Colégio São Luís, baseado em suas observações durante visitas a escolas europeias. Em 1894, um ano antes de Charles Miller realizar aquela que é considerada a primeira partida de futebol do país, a demarcação do campo do Colégio São Luís foi ajustada para um valor próximo ao padrão inglês. Na mesma época, a marcação do gol na parede foi substituída por traves de madeira. Ao aluno de maior destaque no jogo seria dado o título de “campeão do futebol”, conquistado pela primeira vez por Arthur Ravache, em 1895, conforme consta no livro *Visão do Jogo – Primórdios do Futebol no Brasil*, do historiador José Moraes dos Santos Neto. Apesar da Lei Áurea já ter sido assinada pela Princesa Isabel, em 1888, os negros eram extremamente xingados e não podiam participar das disputas dos jogos. Sendo assim, encantados com aquele novo esporte que acabaram de descobrir, criavam torneios próprios. Como nos relata “Entre 1927 e 1939, em São Paulo, o campeão dos negros enfrentava o campeão dos brancos, na disputa da Taça Princesa Isabel, em uma partida que era sempre em 13 de maio.” (SOUZA, 2014)

Os primeiros jogos eram realizados em lugares improvisados, como no Velódromo de São Paulo, em 1904. As traves era madeiras fincadas ao chão e amarradas com cordas, não havia demarcações no campo e não tinha ainda a figura de um árbitro do jogo. Quando havia alguma falta os próprios jogadores teriam que reconhecer que fizeram a falta em seus adversários.

Com o passar do tempo e com crescimento rápido do futebol junto à população pobre, alguns pequenos clubes, apesar de continuarem hegemonicamente ingleses, começaram a aceitar a presença de negros e operários em suas equipes, como foi o caso do The Bangu

Athletic Club, do Rio Cricket, no estado do Rio de Janeiro. Como nos relata Mario Filho esse gesto realizado apenas por pequenos clubes localizados nos bairros populares e morros, no começo pouco incomodou os grandes clubes, talvez porque "assim se via melhor a diferença que havia, não entre brancos e pretos, mas entre clubes. Clubes de bairros, de subúrbios, da zona sul e da zona norte. Grandes e pequenos, cada um ficando no seu lugar, conservando a distância. Sem tentar nem se aproximar" (FILHO, 1947)

A vinda de imigrantes europeus para o Brasil, no final do século XIX e início do século XX, a Europa vivenciava os desdobramentos da Revolução Industrial que ocasionou a dispensa de mão-de-obra, explosão demográfica e agitações políticas. O Brasil por outro lado estava no auge da expansão da lavoura cafeeira no noroeste de São Paulo, mas ao contrário em decadência nas regiões do Vale do Paraíba fluminense e paulista. Embora a predominância de imigrantes teria ocorrido no meio rural, nas fazendas de café, muitos deles foram para as grandes cidades ajudando a formar o operariado brasileiro, em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro.

O time do Bangu foi o pioneiro na aceitação dos negros, pobres e mestiços no futebol, o que contribuiu de maneira decisiva para a democratização do esporte. Este time foi fundado por trabalhadores da Fábrica Bangu, em 6 de fevereiro de 1889.



Figura 1 - O primeiro campo do Bangu, com a Fábrica de Tecidos ao lado.
Fonte: Site Bangu AC

Mas, embora já fosse praticado o esporte desde este tempo, o clube só viria a ser fundado oficialmente em 17 de abril de 1904.

O Esporte Clube Bangu foi um dos fundadores da primeira Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro, em 1905 tendo, assim, seu nome sempre vinculado à classe trabalhadora e aos negros no meio desse novo esporte.

No ano de 1929 o Bangu ganhava o curioso apelido de **Mulatinhos Rosados**. Há duas versões para a história. Na primeira, o apelido levava em conta que o time do Bangu era formado basicamente por mulatos. Como suas camisas desbotavam ao suarem, as listras vermelhas pareciam rosadas, surgiu o nome. Na segunda versão, o presidente da época, Antônio Pedroso, para responder a um dirigente adversário que dissera "*Como tem crioulo neste time!*", respondeu: "*Crioulos não, mulatinhos rosados*". A história ocorrida com o clube brasileiro pioneiro na luta contra o racismo no futebol brasileiro, ainda em 1905, deve ser entendido de maneira extremamente simpática e singela, se não folclórica. (BANGU, [s.d])

No Rio de Janeiro, o Fluminense Football Club fundado em 1902, era um clube que apenas os seus sócios poderiam jogar. O Clube de Regatas do Flamengo e o Botafogo de Futebol e Regatas nascem também de sócios que compunham o clube. Mas, ao contrário do Fluminense, nos outros dois clubes havia mais jovens da elite brasileiros.

“Fosse mediante clubes fundados especificamente para a prática do novo esporte (Fluminense, 1902; América - RJ, 1904), por iniciativa de jovens estudantes que participavam de associações atléticas vinculadas a seus estabelecimentos de ensino ou que criavam clubes independentes (Ponte Preta –SP, 1900; Botafogo – RJ, 1904), fosse pela introdução do futebol em clubes dedicados a outras modalidades esportivas (Náutico,1909; Flamengo, 1911).” (FRANCO JÚNIOR, 2007)

O Club de Regatas Vasco da Gama, fundado em 1898 como um clube de regatas, só veio ter o futebol adicionado aos seus esportes em 1915. O clube incorporava aos seus quadros jogadores de qualquer origem étnica, com a condição que soubessem jogar futebol. Em 1923, sagrou-se campeão do Campeonato Carioca de Futebol no seu ano de estreia. O time vascaíno era composto por jogadores de várias origens, como negros, mulatos, portugueses e brancos pobres da classe operária. Apesar de haver outros times com jogadores destas características, por exemplo, o Bangu, essa era a primeira vez que os times mais elitistas da cidade eram incomodados por um time da periferia (PEREIRA, 2017).

“Em 1910, o Sport Club Corinthians Paulista foi formado por jogadores que eram “laçados da várzea”, sendo denominado o ‘Clube do Povo’, um clube de massa.” (BRASIL FOOTBALL CLUB, 2018). Quando o clube vai para a Zona Leste de São Paulo, lugar onde constrói o seu primeiro estádio, a região ocupada por espanhóis que passaram a se identificar com o clube. O “Timão”, apelido dado carinhosamente pelos seus torcedores, hoje em dia é um dos maiores clubes do país, somando mais de 30 milhões de torcedores e sendo duas vezes campeão mundial, reconhecido pela FIFA.

Os italianos, que eram um povo mais “exclusivista”, montaram o seu próprio clube, fundaram o Palestra Itália, em 1912 que, mais tarde, no período da Segunda Guerra Mundial viria a se chamar Sociedade Esportiva Palmeiras. (BRASIL FOOTBALL CLUB, 2018)

No litoral de São Paulo, na cidade de Santos, o time que levava o nome da cidade cresceu muito a partir da década de 1920, se tornando o clube de maior prestígio no litoral paulista.

Em São Paulo, o Paulistano era o time que representava o brasileiro que vivia em São Paulo, mas se recusava a aderir ao iminente profissionalismo do futebol e foi extinto e o brasileiro paulista ficou sem time regional para torcer. Em janeiro de 1930, sessenta integrantes do Club Athletico Paulistano decidiram ceder seus jogadores campeões paulistas de 1929, enquanto a Associação Atlética das Palmeiras entraria com seu estádio, a chamada Chácara da Floresta, formando assim um novo clube, o São Paulo Futebol Clube, um time que era para ser do “povão” paulista, mas acabou se tornando um time de elite.

A mão-de-obra vinda do Nordeste no auge da industrialização do Brasil, entre as décadas de 1950 e 1970, a migração nordestina para a região sudeste, em especial para os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, foi intensa, tornou as capitais destes estados - São Paulo e Rio de Janeiro- grandes polos de atração para essas populações. No estado de São Paulo esses nordestinos se concentravam mais na região que hoje é a grande Tatuapé, bairro de São Paulo, onde já havia sido construído o primeiro estádio do Sport Club Corinthians Paulista.

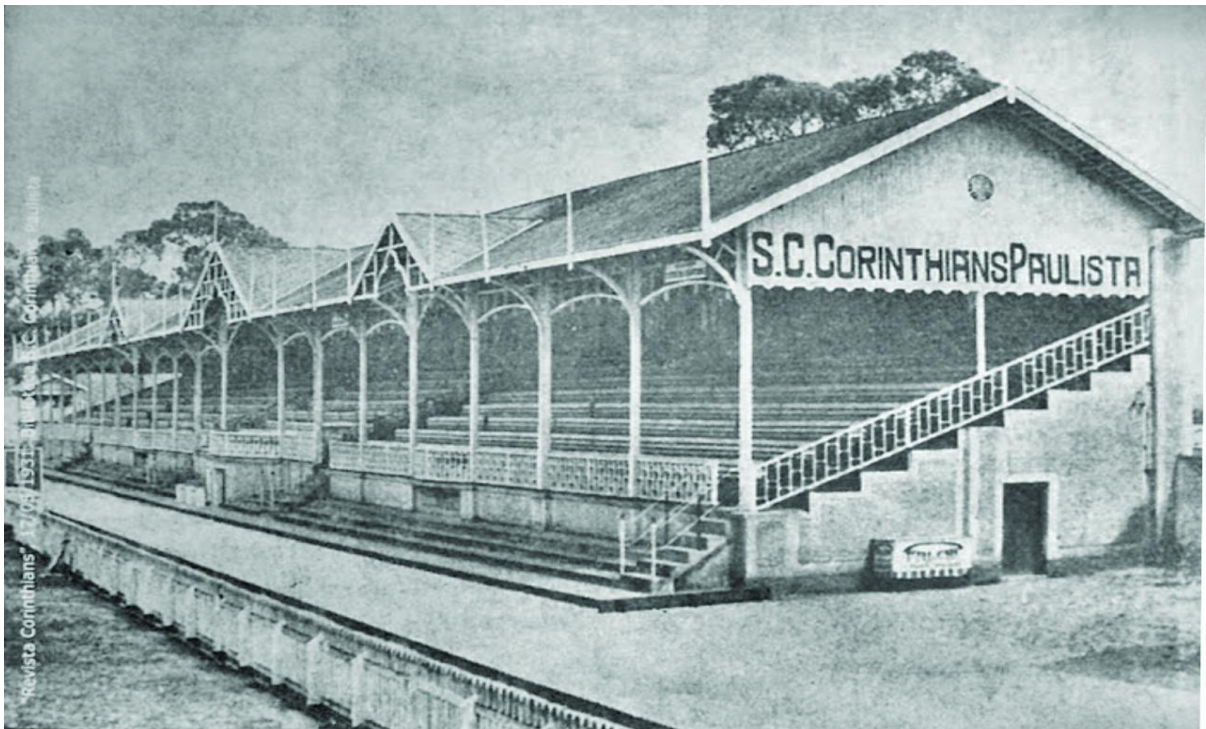


Figura 2 Estádio Alfredo Schürig, Fazendinha

Fonte: Agência Corinthians, 1929

Os migrantes logo se identificaram com o clube, passando a torcer por ele, o que tornou assim o Corinthians um dos clubes dos populares de São Paulo e, até hoje, é chamado até hoje de “Time do Povo”.

Em 20 de agosto de 1914 é criada a Confederação Brasileira de Desportos, que tinha como missão fomentar toda a prática desportiva no país. Seu primeiro presidente foi Arnaldo Guinle.

As fontes utilizadas nesta pesquisa apontam São Paulo e Rio de Janeiro, das décadas de 20 e 30, como Estados que comportaram uma extrema competitividade do ponto de vista nível futebolístico. Dependendo dos interesses em jogo, eles podiam ser rivais ou aliados. Apesar da rivalidade entre esses Estados ter prejudicado, em alguns momentos, o futebol brasileiro, contatos Caldas (1989) que as reuniões entre seus dirigentes e jogadores acarretaram na ideia da implantação do profissionalismo no Brasil. A fim de mostrar sua força, cada um deles criou sua própria federação nacional. Autores como Caldas (1989) dizem que a verdadeira disputa do futebol brasileiro começa com a criação, por um lado, da Federação Brasileira de Futebol, pelos paulistas, no dia 25 de setembro de 1915; e, por outro, da Federação Brasileira de Esportes, pelos cariocas, em 15 de novembro do mesmo ano. Tais entidades se tornaram oficiais por congregarem o que havia de mais expressivo nos futebolis carioca e paulista, lutando pelo direito de representar oficialmente o futebol brasileiro no exterior, o que só era possível com o reconhecimento da FIFA. Esta apenas reconheceria quaisquer associações brasileiras se houvesse, no país, a unificação do futebol. Tal fato só ocorreu com a fundação da Confederação Brasileira de Desportos - CBD, criada para representar internacionalmente o futebol nacional, unificando as duas entidades e dando fim ao impasse político entre São Paulo e Rio de Janeiro.

“O documento final desse encontro estabelecia a concordância de todos com a suspensão das atividades tanto da FBE quanto da FBF, substituídas pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD), cuja diretoria viria a ser posteriormente constituída por assembleia geral das federações associadas. Recomendava também que a LPF e a APEA se empenhassem em operar uma fusão que viesse a garantir a unidade no comando do esporte no estado de São Paulo. Se a ideia era acordo e união, uma decisão anunciava problemas: até que a diretoria da CBD fosse escolhida, o representante legal da nova entidade seria Álvaro Zamith. Era um sinal evidente de que a CBD se instituiria a partir da FBE, e de que haveria uma continuidade entre as duas organizações” (Sarmiento, 2006).

Ao longo da década de 1920, o futebol sofreu muitas críticas de diversas lideranças do movimento dos trabalhadores assalariados, que classificavam o futebol como um esporte burguês a serviço da dominação de classe e da desarticulação do proletariado. Por isso, o futebol

seria mais um produto a ser combatido. Mesmo assim, ainda houve diversos jogos formados por grupos de operários, que mobilizava muitos trabalhadores ainda.

1.1 – O início do profissionalismo

O ano de 1933 foi o ano decisivo para o futebol ser ou não profissionalizado no Brasil. A elite era contra essa profissionalização, pois achava que o futebol deveria continuar sendo um esporte apenas para lazer. De forma muito precária ainda, mas o suficiente para estabelecer o marco mais importante na história deste esporte. O ano de 1933 marca a fase do profissionalismo. Até a oficialização do profissionalismo no futebol brasileiro em 1933, coexistiam no Brasil as práticas amadorística e profissional. Em São Paulo, a Associação Paulista dos Esportes Atléticos - APEA - e a Liga de Amadores de futebol – LAF, apesar de permitirem aos jogadores receberem salários dos seus clubes, defendiam um futebol praticado por pessoas que fizessem parte da alta sociedade. As remunerações iam da oferta de presentes até um profissionalismo não declarado. Nesse caso, podemos dizer que, a partir do momento em que a APEA resolveu cobrar ingressos nos jogos, estava lançada no Brasil as bases do profissionalismo.

O primeiro clube a assumir que oferecia gratificações aos jogadores foi o Clube de Regatas do Vasco da Gama, em 1923. O fato é que na década de 20, com a divulgação do futebol entre as classes populares, alguns jogadores negros, mestiços e pobres chegaram aos clubes da primeira divisão (Lopes, 1994, p.70). Através das competições internacionais e da concorrência entre os clubes para o recrutamento de jogadores fora do Brasil, a presença de jogadores negros e pobres que desejavam fazer do esporte sua profissão torna-se mais visível, de modo que “a primeira Copa do Mundo, a de 1930 no Uruguai, põe em movimento uma rede internacional de futebol que não vai parar mais de crescer ao longo do tempo” (Lopes, 1994, p.70).

O processo que resultou na profissionalização do futebol no Brasil foi rodeado por questões de classe, interesses financeiros, afirmação de identidades, racismo e preconceitos de toda a ordem. Dirigentes conservadores e o racismo das elites fizeram com que o futebol continuasse sendo amador (AFIF, BRUNORO, 1997; BRETAS, 2006).

Há relatos datados de 1915 que jogadores de São Paulo e do Rio de Janeiro recebiam algum dinheiro para entrar em campo, como forma de incentivo as vitórias. Era uma gratificação, independente do resultado, isso servia de estímulo ao jogador. Isso fazia com que o jogador se empenhasse mais, jogasse melhor, com mais entusiasmo, mais vontade de vencer o que poderia proporcionar a ele futuras convocações e conseqüentemente mais gratificações. Óbvio que isso não caracteriza o profissionalismo, mas cria condições para o surgimento (CALDAS, 1989).

A APEA, com o objetivo de organizar o futebol paulista, já cobrava ingressos, em 1915, de seus torcedores. Mas em 1908, no Rio de Janeiro, a Liga Metropolitana de Sports Athléticos tinha os mesmos objetivos que a APEA, o que tornou o profissionalismo do futebol uma questão de tempo. O dinheiro arrecadado era para manter a independência de cada time, pois antes a renda arrecada era recebida de sócios ricos dos clubes, depois do início da cobrança dos ingressos. Mas os clubes tinham que retirar sua renda da venda de ingressos dos seus jogos. Franco Junior (2007), relata que o futebol foi um importante elemento para a construção da identidade brasileira. E é no ano de 1914, quando ocorre a primeira partida de futebol entre brasileiros e estrangeiros, que foi considerada a primeira partida da seleção brasileira, quando o Brasil derrotou por 2 a 0 a equipe inglesa do Exeter City, no estádio das Laranjeiras, no Rio de Janeiro.

As convocações para a seleção brasileira criaram desavenças regionais entre paulistas e cariocas que, por meio da imprensa paulista, recebiam críticas pela ausência de alguns jogadores, que, aliás, persistem até hoje.

No dia 25 de setembro de 1915, os paulistas criaram a Federação Brasileira de Futebol. Cinquenta dias depois, em 15 de novembro de 1915, os cariocas fundaram a Federação Brasileira de Desportos. Começou, então, uma das maiores disputas entre paulistas e cariocas pela hegemonia do futebol brasileiro.

Após alguns conflitos, no dia 18 de junho de 1916, o chanceler Lauro Muller, como mediador do conflito, convocou os representantes de cada entidade e propôs a união deles e a criação da Confederação Brasileira de Desportos – CBD-, uma instituição forte e expressiva para dirigir e representar internacionalmente, junto à FIFA - que é uma organização dirigente das associações de futsal, futebol de areia/praias e futebol - o futebol brasileiro. A proposta foi aceita. Então, no dia 6 de novembro de 1916, foi fundada a Confederação Brasileira de Desportos.

Em 1917, foi realizada o Sul-Americano, no Uruguai. A seleção nacional jogou mal e fracassou, ficando apenas em penúltimo lugar na competição. Mas, em 1919, quando o Sul-Americano seria disputado no Brasil, a seleção se sagrou campeã com um público de 30 mil pessoas no estádio das Laranjeiras e outros milhares de populares pelas ruas do país comemorando esta vitória.

Em 1923, o Clube Regatas Vasco da Gama decide pela primeira vez na história do futebol colocar negros em seu time. E por ironia, se tornou campeão carioca neste ano. Tinha no banco jogadores negros, mulatos e quatro analfabetos. E

dessa maneira venceu seus adversários Flamengo, Fluminense, Botafogo, América, times que prezavam e lutavam pelo elitismo no futebol. Devido a essa ousadia do Vasco da Gama, o clube não só conquistava o seu primeiro campeonato na primeira divisão, mas criava também a maior crise no futebol carioca pelo fato de em seu elenco conter jogadores negros e analfabetos. Isso era uma humilhação para os times grã-finos, nos quais esses times eram formados por jovens estudantes e profissionais de alto nível da elite carioca. (IANNI, 2008)

Foi nesse momento então que perceberam que qualquer jogador de várzea, periferia, de qualquer classe social, de qualquer cor, etnia poderiam vestir a camisa de um Flamengo, Vasco, Fluminense ou de qualquer outro grande time brasileiro. Nessa época o futebol estava bem próximo de se tornar um esporte profissional.

Em 1931, o governo de Getúlio Vargas incluía o jogador de futebol como uma das profissões que deveriam ser regulamentadas pela legislação trabalhista.

O futebol tornou-se profissional formalmente no dia 23 de janeiro de 1933. Na prática, é impossível precisar a data, pois há inúmeros exemplos de jogadores, na época do amadorismo, que recebiam gratificações, “bichos” ou, até mesmo, salários mensais, como se fossem funcionários (BORSARI, 1975; CALDAS, 1989; BETTI, 1997).

1.2 – As copas do mundo dos anos de 1934 á 1962

Para disputa da Copa do Mundo de 1934, realizada na Itália, a CBD, envolvida em desavenças regionais, convocou um time com cinco jogadores cariocas, quatro paulistas e dois gaúchos. A seleção disputou apenas um jogo e foi derrotada nas oitavas de final para a Espanha, por um placar de 3 a 1.

Em 1937, a CBD ainda se consolidava como entidade máxima do futebol brasileiro e, graças a isso, a seleção brasileira teve uma melhor organização para a disputa do Copa do Mundo de 1938, realizada na França. E a campanha, por pouco, não rendeu o título para o Brasil. O técnico Ademar Pimenta, que ganhou destaque ao assumir o cargo de técnico do Madureira, conquistando o vice-campeonato carioca de 1936, começou a treinar a Seleção Brasileira no final daquela temporada, chamou os melhores jogadores. E destacando-se Leônidas, Domingos, Romeu, Hércules, Tim, Perácio. No jogo da estreia, uma vitória por 6 a 5 sobre a Polônia, em partida sensacional, decidida na prorrogação. Depois, empate com os tchecos até na prorrogação, levou a nova partida, com vitória por 2 a 1. Na semifinal, Ademar Pimenta alegou que Leônidas estava contundido e poupou o atacante. Houve quem dissesse que o Diamante Negro teria condições de jogo. A Itália venceu por 2 a 1 e pôs fim ao sonho do primeiro mundial. Na disputa do terceiro lugar, a vitória sobre a Suécia por 4 a 2 deu dignidade

à campanha brasileira que foi considerada, para muitos, uma vitória particular de Getúlio Vargas e de seu regime autoritário.

A partir de então, os jogadores de futebol não eram considerados mais somente jogadores, começaram a ser considerados heróis nacionais nos meios de comunicação, nomes como Arthur Friedenreich, que foi a primeira grande estrela do futebol brasileiro e Domingos da Guia, considerado o melhor zagueiro do futebol brasileiro e um dos melhores do mundo em todos os tempos, eram cultuados pelas torcidas de seus clubes.


A modernização do futebol seguia no processo de industrialização do país, com investimentos públicos e estatais, como, por exemplo a construção do estádio Paulo Machado de Carvalho, mais conhecido como Pacaembu, inaugurado em 1940.

“O profissionalismo avançava, com atletas importantes trocando de clube graças a atração de rendimentos melhores. [...] Jogadores que despontavam no interior do Brasil eram contratados pelos grandes clubes do eixo Rio-São Paulo, a semelhança do que ocorria com a mão-de-obra de imigrantes que se deslocava das áreas rurais e das regiões Norte e Nordeste para o Sul-Sudeste em vias de industrialização.” (FRANCO JUNIOR, 2007)

No ano de 1941, para que o controle do esporte fosse dominado pelo Estado, foram criados decretos para manter o esporte legalizado e manter suas tendências ideológicas.

Então, em abril de 1941, foi apresentada a primeira proposta de Lei Orgânica, especificamente para o campo desportivo, que é o Decreto-Lei nº 3.199, que criou o CND – Conselho Nacional de Desportos, tendo, como uma de suas funções, disciplinar e vigiar todas as questões relacionadas às atividades físicas o que, de certa forma, iria contribuir para o desporto nacional, que agora seguiria determinados padrões e passaria a ter incentivos do governo. Não é sem razão que, logo em seu primeiro artigo, o Decreto nº 3.199 tratasse justamente da criação, no Ministério da Educação e Saúde, do Conselho Nacional de Desportos, destinado a “orientar, fiscalizar incentivar a prática de desportos no país”, o que, em outros termos, poderia constituir-se em verdadeira conquista do esporte pois, ao contrário do que fora a regra, passava o poder público a voltar suas energias também para o desporto” (MANHÃES, 2002, p. 38).

República dos Estados Unidos do Brasil



Câmara dos Deputados
(DO SR. ARDINAL RIBAS)

ASSUNTO: _____ PROTOCOLO N.º _____

Altera dispositivos do Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, que "estabeleça as bases da organização dos desportos em todo o País", e dá outras providências.

DESPACHO: ÀS COMISSÕES DE CONST. E JUSTIÇA E DE EDUCAÇÃO E CULTURA
em licença com exp. destinada a elaborar Projeto de Código de Esportes
À COMISSÃO DE JUSTIÇA em 21 de AGOSTO de 1971.

DISTRIBUIÇÃO

Ao Sr. *Deputado Manoel Filho* em 19
O Presidente da Comissão de *Justiça* *M. A. J. J. J.*

Ao Sr. _____ em 19
O Presidente da Comissão de _____

Ao Sr. *Dep. Amelli Martelli* em *17/5/72*
O Presidente da Comissão de *Educação e Cultura*

Ao Sr. *Dep. Fagundes Neto* em *12/09/72*
O Presidente da Comissão de *Código de Esportes* *E. S. S. S.*

Ao Sr. *Dep. Simão Guimarães* em *13/08/73*
O Presidente da Comissão de *Código de Esportes* *E. S. S. S.*

Ao Sr. _____ em 19
O Presidente da Comissão de _____

PROJETO N.º 287 DE 1971

AP 10/1/72

Figura 3 Lei Nº 3.199/41
Fonte: Câmara dos Deputados

Com a interferência do Estado, mesmo antes da criação do CND, devido a Lei n.º 386, os clubes de origens estrangeiras já eram obrigados legalmente a alterar seus estatutos, mas esta lei só tomou maiores proporções e passou a ser veemente aplicada com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, em 1942.

Sendo assim, o governo instituiu o Decreto-Lei nº 5.342, advindo do Decreto nº 3.199, que em seu artigo 13, afirma que "as entidades desportivas são passíveis das seguintes penalidades se não procederem de acordo com a lei: a) a multa de 1.000 a 10.000 cruzeiros; b) a suspensão temporária do funcionamento; c) a cassação da licença para funcionar.

Estas penalidades são instituídas para coibir a ação dos clubes que não concordavam com as leis impostas pelo CND. Era papel do governo e de seus órgãos de competência: respeito a pressupostos morais e/ou cívicos e à ordem pública em geral; definição e organização de universos e práticas a serem disciplinas; reconhecimento das entidades; instrumentalização do poder, de meios e formas mais eficientes de “disciplinamento” (mecanismos burocráticos), para reforçar o cumprimento do já determinado ou desmobilizar o já desnecessário; intervenção direta em entidades; administração do funcionamento interno, das atividades e do organograma das entidades e/ou de suas competições.

Esta legislação obrigou os clubes de nacionalidade estrangeira a nacionalizarem seus nomes e, futuramente, suas diretorias. Os clubes que não concordassem com essas leis, estavam sujeitos a sanções que podiam chegar ao fechamento da associação, pois este seria declarado um clube de quinta coluna (denominação dada aos simpatizantes das ideias nazifascistas). Entre tais clubes, por exemplo, estava o Palestra Itália – atual Sociedade Esportiva Palmeiras - que sofreu várias sanções devido a ideologia do sistema fascista – Sistema ideológico e político fundado por Mussolini na Itália - Foi o líder máximo (o *dulce*) da Itália durante o período de 1922 a 1943 – quando foi preso por tropas aliadas durante a Segunda Guerra. Foi ele também quem criou o movimento fascista, que deu origem ao Partido Nacional Fascista, no fim da década de 1910. Mussolini foi o primeiro ideólogo totalitário da Europa a chegar ao poder máximo de uma nação da Europa Ocidental. – nacionalista empregado, foi, portanto, um dos mais perseguidos por se tratar de um time oriundo da comunidade italiana.

“A partir de então, incontáveis instituições tiveram que mudar de nome mais do que depressa caso houvesse qualquer alusão ao Eixo. O Esporte Clube Germânia, por exemplo, agremiação de raízes alemãs, passou a se chamar Esporte Clube Pinheiros. O Palestra Itália de Minas Gerais, também já bastante tradicional no Brasil, virou Esporte Clube Cruzeiro. E com o Palestra Itália (sediado na capital de São Paulo) não seria diferente.” (PALMEIRAS, 2017)

Na época da Segunda Grande Guerra, por exemplo, O clube de raízes italianas teve que alterar até algumas de suas características como vimos anteriormente o nome, a diretoria e os costumes étnicos praticados na área social do clube.

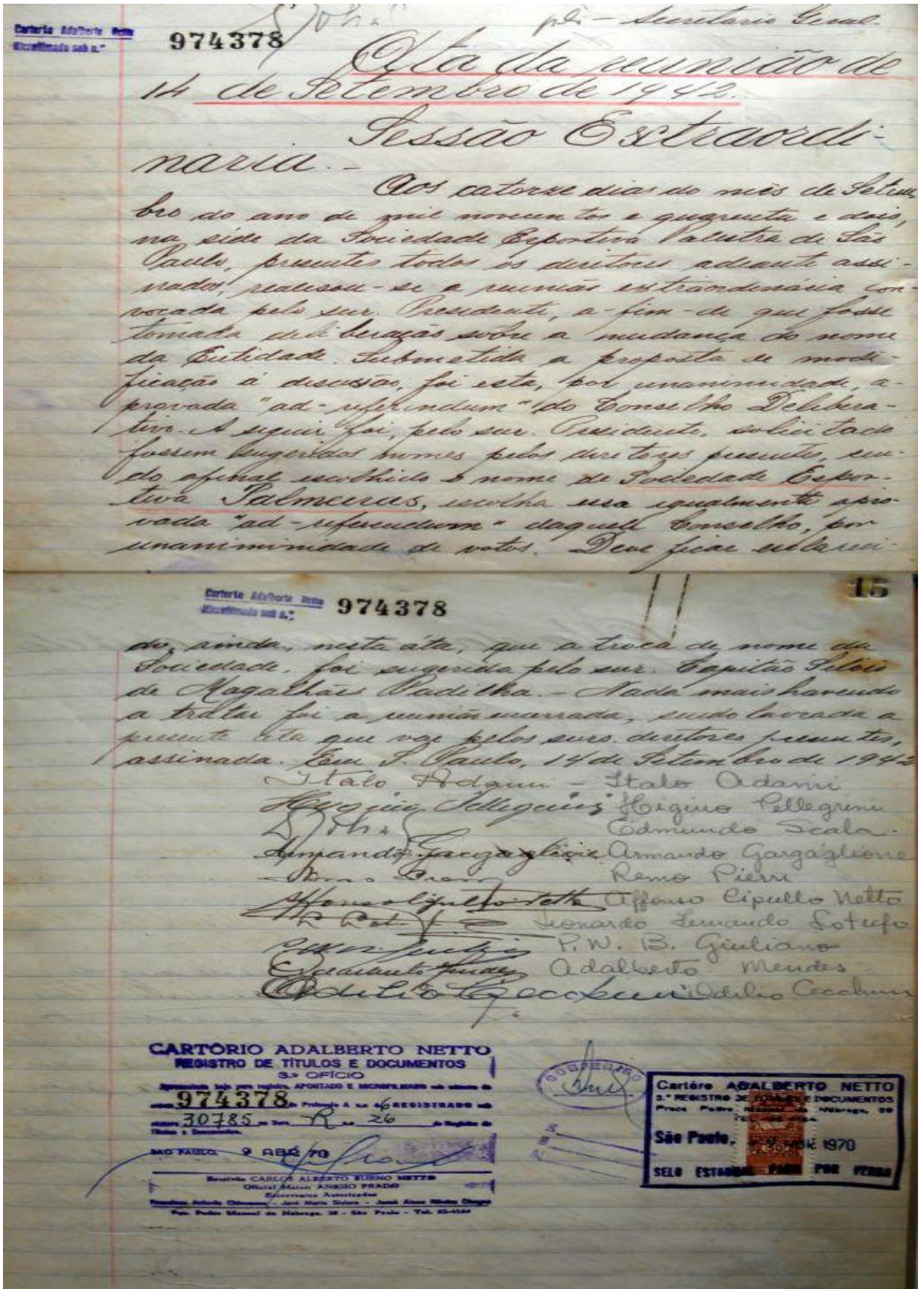


Figura 4 Ata de mudança de nome do Palestre Itália para Palmeiras.

Fonte: Site oficial da Sociedade Esportiva Palmeiras

“Significativo é o episódio da primeira partida da Sociedade Esportiva Palmeiras, diante de um público de mais de 45 mil espectadores. Após uma semana de rumores que apontavam até mesmo para o confisco do estádio Parque Antártica e de notícias inflamadas veiculadas pelo rádio acerca dos confrontos na Europa, os jogadores do Palmeiras entraram em campo com novo uniforme e uma enorme bandeira do Brasil, tendo à frente, fardado um capitão do Exército de origem nordestina, Adalberto Mendes.” (FRANCO JUNIOR, 2007. p.84).

No ano de 1950 houve o retorno da disputa da Copa do Mundo, a primeira pós-guerra que seria sediada no Brasil. Desde 1942, a CBD tentava sediar o torneio e somente em 1948, a FIFA atendeu os dirigentes brasileiros. Coube a Mario Filho a responsabilidade de comandar a construção de um estádio grandioso na cidade do Rio de Janeiro, que era a então capital do país.

No Congresso da FIFA, em Luxemburgo, a CBD encantou a FIFA quando apresentou a intenção de construir o maior estádio do mundo, com capacidade para 155 mil pessoas. A inauguração oficial do Maracanã, no Rio de Janeiro aconteceu oito dias antes do começo da Copa, em 16 de junho de 1950, em um jogo entre a seleção de cariocas e paulistas, que acabou com a vitória do time visitante por 3 a 1. E o estádio acabou sendo palco da grande final, que teve contornos de tragédia para os brasileiros, com a derrota inesperada e surpreendente da seleção brasileira.

O torneio contou com a participação de treze seleções. Brasil, como sede, e Itália, como último campeão, estavam classificados automaticamente. Argentina, Áustria, Bélgica, Birmânia, Colômbia, Equador, Filipinas e Peru desistiram durante as eliminatórias. Dos 16 que restaram, Escócia, Índia e Turquia abriram mão das vagas. França, Irlanda e Portugal, convidados para serem os substitutos, declinaram. E a Inglaterra, finalmente estreou em mundiais.

Além do Rio de Janeiro, os jogos seriam disputados em São Paulo no Estádio Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu) foi o segundo maior estádio da Copa com capacidade, na época, de 60 mil pessoas, em Porto Alegre no Estádio dos Eucaliptos era o estádio do Internacional na época e tinha capacidade para 20 mil pessoas. Recebeu 2 jogos da competição e atualmente o estádio não existe mais, em Recife no Estádio Ademar da Costa Carvalho (Ilha do Retiro), em Curitiba no Estádio Durival Britto e Silva (Vila Capanema), em Belo Horizonte no Estádio Raimundo Sampaio (Independência), foram estádios remodelados para a competição.

A estreia do Brasil contra a seleção do México, no dia 24 de junho, com direito a goleada por 4 a 0, encheu de esperanças os mais de 80 mil torcedores brasileiros presentes no Maracanã. Além disso, na primeira fase, o Brasil empatou por 2 a 2 com a Suíça e venceu a Iugoslávia por

2 a 0. Depois, foram duas goleadas históricas, antes da tragédia para o Uruguai, com 7 a 1 sobre a Suécia e 6 a 1 sobre os espanhóis.

“Mas, como o futebol antecipava e a política comprovaria, modernização não resulta apenas de voluntarismo. É preciso trabalho adequado e tempo suficiente. Preparo que os dirigentes não tinham e tempo de treinamento na nova tática que os jogadores não tiveram. Bastou o primeiro empecilho – o Uruguai, jogando com sistema diferente dos europeus – e o projeto ruiu.” (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 90)

A seleção brasileira precisava apenas de um empate para se sagrar campeã mundial pela primeira vez. No dia 16 de junho de 1950, diante de 200 mil pessoas no estádio do Maracanã, a Seleção brasileira perdeu por 2 a 1 para o Uruguai, episódio que ficou conhecido como a Tragédia do Maracanã ou Maracanazo, em dos maiores silêncios ensurdecadores da história do futebol. E o Brasil lamenta até hoje essa derrota.

A busca por achar culpados pela derrota caiu sobre os ombros de três jogadores negros, que receberam mais críticas da população, o goleiro Barbosa, o zagueiro Juvenal e o lateral esquerdo Bigode.

A mistura de raças parecia ser o grande problema para a seleção, pois para muitos a composição étnica havia definido a sorte da nossa seleção.

A neutralidade mantida pela Suíça na Segunda Guerra Mundial poupou o país da destruição imposta aos outros países pelo conflito. Assim, a Suíça foi escolhida pela FIFA para sediar o quinto Campeonato Mundial de Futebol, em 1954.

A primeira copa transmitida ao vivo pela televisão para somente alguns países europeus, na qual nação presente na competição queria mostrar a boa imagem de seu país e mostrar a superioridade de seu sistema social, político e econômico.

“Era o caso do Brasil, que precisava fechar a ferida aberta de 1950. Contudo, não tinham desaparecido nem o discurso unificista dos políticos (para Getúlio Vargas, os jogadores “representam a força e a resistência da raça brasileira”), nem o oportunismo dos dirigentes (23 na delegação, mais do que o número de jogadores), nem o complexo de inferioridade de todos (para o técnico, Zezé Procópio, “os árbitros europeus têm horror a negros”). (FRANCO JÚNIOR, 2017, p. 35)

O Brasil iniciou a copa jogando contra o México e novamente ganhou por 5 a 0, o segundo jogo da fase de grupo seria contra a Iugoslávia que, na época, tinha um time que era considerado um dos mais bem treinados e fortes do torneio empatou por 1 a 1. Foi as quartas de final, enfrentando a poderosa Hungria, uma das favoritas para ganhar aquela edição da Copa do mundo.

A derrota da seleção brasileira por 4 a 2 para o time húngaro foi até considerada normal, mas ao término do jogo, o ministro brasileiro João Lyra Filho, acusou o árbitro da partida de estar “a serviço de Moscou” causando, assim, uma enorme pancadaria, envolvendo jogadores, comissões técnicas, jornalistas e policiais.

Entre 1955 e 1957, a seleção brasileira teve um revezamento de sete técnicos em seu comando e apesar de Oswaldo Brandão ter classificado o Brasil para a Copa de 1958, ele também foi dispensado.

Em 1958, o país passava por diversas mudanças políticas e econômicas. O presidente eleito pelo Partido Social Democrático Juscelino Kubitschek em 1956-1961, tinha um plano de metas- 50 anos em 5- que foi um importante programa de industrialização e modernização para o país, além da construção de Brasília, desenvolvendo o planalto brasileiro e mudando a sede do governo federal do Rio de Janeiro para Brasília. A CBD também passava por mudanças e era dirigida por dois empresários, um carioca, João Havelange na presidência e um paulista, Paulo Machado de Carvalho na vice-presidência, que introduziram muitas novidades para o esporte na época, como a inclusão na comissão técnica um dentista e um psicólogo. O relacionamento entre os atletas e a comissão passou a ser mais humano e não somente profissional. Tudo mudou sob a chefia do Paulo Machado de Carvalho, o presidente da CBD, João Havelange dava poderes a ele, que fazia por merecer. Tratava-nos muito bem e não ia atrás dos atletas nos dias de folga, desde que ninguém o tirasse do sério. O braço direito dele era o Carlos Nascimento, então dirigente do Bangu, esse sim disciplinador e sempre com cara feia, conforme lembra Pepe, ponta esquerda da seleção, em 1958.

A copa de 1958 foi a primeira a ser televisionada internacionalmente, fez com que muitos países deixassem de lado as suas tensões e vibrassem com cada lance disputado. O técnico escolhido, Vicente Feola, adotou um novo modelo de jogar conhecido com o 4-2-4, que na época era pouco valorizado no Brasil.

A Copa do Mundo FIFA de Futebol, de 1958, ocorreu na Suécia entre 10 de junho até 29 de junho daquele ano.

O campeonato contava com 16 equipes, 35 partidas ao todo, nas quais foram marcados 126 gols. A opção pela Suécia ser a anfitriã em 1958 foi tomada 10 anos antes, em um congresso oficial da FIFA, realizado em Londres, e a confirmação ocorreu no Rio de Janeiro, em 1950.

“A Copa do Mundo em 1958 foi a primeira copa com sorteio dirigido por regiões geográficas. Cada grupo tinha um país sul-americano, um britânico, um do leste europeu e um da Europa Ocidental. Os dois primeiros de cada grupo passavam de fase, e a partir daí o confronto seria de mata-mata.” (GLOBO ESPORTE, 2013)

O Brasil ficou no grupo 4, juntamente com a Áustria, do qual ganhou de 3 a 0 em sua estreia; o segundo, jogo contra a Inglaterra, terminou em um empate sem gols, o primeiro registrado na história das copas e, o terceiro, jogo contra a União Soviética, na qual a estrela de Vavá brilhou e ele marcou os dois gols da partida.

Nas quartas de final, o Brasil enfrentou a seleção do País de Gales, vencendo por 1 a 0, com um gol antológico de Pelé.

Na semifinal, os brasileiros mostraram um grande futebol diante da França, que contava com o artilheiro da competição, Just Fontaine, e venceram o rival por 5 a 2, com gols de Vavá, Didi e três gols de Pelé, o que levou o Brasil, novamente, para a final de um campeonato mundial.

No dia 29 de junho de 1958, aconteceu a final. Em campo, Brasil e Suécia. Jogando em casa, os suecos vinham de uma vitória sobre a Alemanha Ocidental, até então campeã mundial. Com grandes nomes em sua seleção e com o apoio da torcida eles estavam dispostos a ganhar seu primeiro título.

Apesar da forte pressão sofrida, a seleção brasileira contava com grandes nomes do futebol nacional que até hoje são celebrados, como: Zagallo, Vavá, Mané Garrincha, e o maior jogador de todos os tempos que, mais tarde, viria a ser o rei do futebol, Pelé, que participou da sua primeira copa com 17 anos.

O Brasil começou perdendo o jogo logo aos 4 minutos, com gol de Liedholm. Mas essa vantagem sueca não durou muito tempo. Cinco minutos depois, o Brasil empatou o jogo com gol de Garrincha e logo depois, virou o jogo com gol de Vavá. No segundo tempo surgiu Pelé, com seus dribles desconcertantes e com um chapéu histórico no adversário sueco, marca o quarto gol da partida. O jogo termina em 5 a 2 para o Brasil e, pela primeira vez, a seleção brasileira trouxe o título de campeã mundial para casa.

“Eles eram infernais. Ninguém os conteria. Se você marcasse o Pelé, Garrincha escapava e vice-versa. Se você marcasse os dois, o Vavá entraria e faria o gol. Eles eram endemoniados” (Just Fontaine, francês artilheiro da Copa, sobre a seleção brasileira.)

No ano de 1959 é realizada a primeira edição do Campeonato Brasileiro, com o nome oficial de Taça Brasil, para definir o campeão brasileiro de clubes, algo ainda inédito no Brasil, e indicar o representante brasileiro na Taça Libertadores que seria realizado no ano seguinte.

A Taça Brasil foi dividida em três fases e todas no sistema de “mata-mata”, eliminatório, com um jogo de ida e um jogo de volta. Na primeira fase, os times foram divididos em quatro grupos representando as regiões do Brasil, o Grupo Nordeste, Grupo Norte, Grupo Leste e

Grupo Sul. Na segunda fase, os vencedores dos grupos Nordeste e Norte disputaram o título de campeão da região Norte e os dos grupos Leste e Sul o da região Sul. A fase final foi disputada entre os campeões das Zonas Sul e Norte e os representantes do Estado de São Paulo e Distrito Federal, na época, a cidade do Rio de Janeiro, inscritos diretamente nesta fase.

O primeiro campeão da Taça Brasil foi o Bahia, vencendo o Santos de Pelé na final, por um placar de 3 a 0 e se classificando diretamente para a *Copa dos Campeões da América*, atual Copa Libertadores da América, de 1960.

Com o Chile sendo sede oficial da Copa do Mundo de 1962, o torneio retorna ao continente americano, o que dá ainda mais favoritismo ao Brasil, que continuou com a mesma base de jogadores e comissão técnica da Copa da Suécia.

O grupo sofreu poucas mudanças e ainda estava mais experiente. A maior novidade foi a troca de treinador: Aymoré Moreira substituiu Vicente Feola. Mas lá estavam, entre outros, Gilmar, Djalma Santos, Nílton Santos, Didi, Zagallo, Vavá, Pepe, Zito, Bellini (que perdeu a posição para Mauro Ramos) e Garrincha. Além, claro, de Pelé. (ESTADÃO [S.D])

Pelé iria fazer o Brasil passar por um grande susto. Logo na segunda partida do mundial, um empate em 0 a 0 com a Tchecoslováquia, se contundiu e teve que ser cortado, dando lugar a Amarildo, que foi logo marcando os dois gols da vitória sobre a Espanha no jogo seguinte e mostrou-se um bom substituto.

Mas sem Pelé, o grande destaque da seleção brasileira e da Copa foi Garrincha. Ele brilhou todo o torneio e com suas “pernas tortas”, ajudou o Brasil a sagrar-se bicampeão mundial.

Garrincha foi o protagonista do outro grande susto brasileiro, ao ser expulso por agredir um adversário na semifinal contra os donos da casa, vencido pelo Brasil por 4 a 2. Mas os dirigentes da então CBD agiram rápido – dizem que até o governo federal mexeu seus pauzinhos junto à Fifa -, conseguiram fazer o julgamento a toque de caixa, absolver o craque e garantir sua escalação na final.

Azar da Tchecoslováquia, que não foi páreo no estádio Nacional. Os europeus até abriram o placar, mas Amarildo, Vavá e Zito mostraram quem era o verdadeiro dono da taça e o placar terminou em 3 a 1 para o Brasil.

“Essa Copa, embora realizada em fatia remota relativa ao centro geopolítico de então, foi a primeira a ser televisionada para todo o mundo, mas ainda não via satélite. O primeiro satélite de telecomunicações, o “Telstar 1” foi lançado ao espaço pouco menos de um mês após o jogo em que os gols de Amarildo, Zito e Vavá fizeram com que a taça permanecesse em nosso solo por mais quatro anos. Mesmo assim, foi pela primeira vez que foram vistos por aqui jogos de uma Copa por videoteipe: as fitas

chegavam de avião e eram exibidas dias depois. No calor da hora, ao vivo, o velho e bom rádio com visualizações de jogadas em um tipo de futebol de botão gigante no lugar dos telões atuais, como na foto abaixo, que flagra a audiência em plena Praça da Sé em São Paulo. ” (SCHULZ, 2018)



Figura 5 Reprodução

Vale ressaltar que Garrincha disputou a final com 38 graus de febre, mas a sua simples presença foi suficiente para assustar, tanto que o treinador tcheco Rudolf Vytlačil pôs sempre dois homens a vigiá-lo, deixando que Amarildo e Vavá voltassem a fazer a festa. Fim de jogo, novamente o choro pela conquista de um título mundial repetiu-se no Chile: Djalma Santos, Nílton Santos, Gilmar, Zito e Zagallo, entre outros, deixaram suas lágrimas no gramado do Estádio Nacional, em Santiago. Mauro Ramos reproduziu o gesto de Bellini e levantou a Jules Rimet acima de sua cabeça, para todo o planeta testemunhar. Ali o Brasil ratificava que era o dono do futebol mundial.

No dia 18 de junho, logo após a conquista, a festa: os bicampeões desembarcaram no aeroporto do Galeão, no Rio de Janeiro, em sua volta para casa. Foram recebidos por mais de dois milhões de pessoas, que comemoravam a conquista desfilando em carro aberto do Corpo de Bombeiros pelas ruas do Rio de Janeiro. No alto do carro, juntos Bellini, capitão de 58 e Mauro, capitão de 62 representavam um símbolo que unia definitivamente as conquistas da Suécia e do Chile.

2. PRETO NO BRANCO: OS NEGROS NO FUTEBOL BRASILEIRO

“O povo descobrindo, de repente, que o futebol deveria ser de todas as cores, futebol sem classes, tudo misturado, bem brasileiro.” (FILHO, 1947. p. 69)

No final do século XIX, o mundo vivia o auge do pensamento racial, segundo o qual a miscigenação era considerada uma das causas da miséria e do atraso brasileiro. Uma longa e profunda herança colonialista e escravista pesava ainda nas nossas estruturas sociais, nas nossas instituições, e o futebol absorveu, diretamente e indiretamente, essas influências. Por isso foi, durante os primeiros tempos, elitista, racista e excludente, reproduzindo constantes estruturais de nossa formação, como a concentração e a exclusão. “O racismo foi um dos traços mais pregnantes das conjunturas iniciais do futebol brasileiro. Um racismo acoplado a um elitismo social e cultural flagrantes na concentração de rendas, de poder e de oportunidades.” (CARVALHO, 2018)

O futebol surgia como uma oportunidade de restabelecer a ordem social embaralhada pela abolição, em 1888, e pela proclamação da República, em 1889. A formação dos times dentro dos clubes tinha forte orientação racial. Aqueles que não restringiam estatutariamente a brancos o acesso aos seus quadros era seletivo por meio dos preços de mensalidade e título. Se tudo isso falhasse, ainda havia a condição de que um novo associado deveria ser aceito por dois terços dos já existentes.

“Numa sociedade de passado escravocrata, na qual as relações raciais não são harmônicas e não estão pautadas pela igualdade e pelo reconhecimento das diferenças, o futebol, por ser no Brasil um fenômeno cultural de amplitude nacional e que envolve muitos interesses, traz embutida a questão racial e nos dá acesso às representações ideológicas sobre os negros e mestiços. Pois, “se o futebol é bom de ser visto, ele também serve para dramatizar e para colocar em foco os dilemas de uma sociedade”, já sentenciava Da Matta (1982, p. 32).” (TONINI, 2008)

Com o passar do tempo e o crescimento rápido do futebol junto à população pobre, alguns pequenos clubes, apesar de continuarem sendo hegemonizados pela cultura inglesa, começaram a aceitar a presença de negros e operários em suas equipes, como foi o caso do The Bangu Athletic Club, do Rio Cricket, do Paysandú, do Guanabara. Esse gesto, realizado apenas por pequenos clubes localizados nos bairros populares e morros, inicialmente pouco incomodou os grandes clubes, talvez porque "assim se via melhor a diferença que havia, não entre brancos e pretos, mas entre clubes. Clubes de bairros, de subúrbios, da zona sul e da zona norte. Grandes

e pequenos, cada um ficando no seu lugar, conservando a distância. Sem tentar nem se aproximar" (FILHO, 1947)

Mario Filho em seu livro *O Negro no Futebol Brasileiro* (1947) relata que o verdadeiro time do Bangu foi formado por cinco ingleses, três italianos, dois portugueses e apenas um brasileiro, Francisco Carregal. “Um brasileiro com cinquenta por cento de sangue preto. O pai, branco, português, a mãe, preta, brasileira. ”. Carregal foi o primeiro craque mestiço de um país que segue miscigenado pelos craques atuais.

“Francisco Carregal, talvez por ser brasileiro e mulato, o único brasileiro. O único mulato do time, caprichou na maneira de vestir. Era o mais bem vestido dos jogadores do Bangu. Um verdadeiro dândi em campo. ” (FILHO, 1947. p. 32)



Figura 6 - Ao integrar o time do Bangu, em 1904, Carregal (com a bola) tornou-se o primeiro jogador negro a disputar uma partida oficial no Brasil
Fonte: Reprodução

Em algumas cidades, os negros, impedidos de disputar os torneios, criaram suas próprias ligas. Entre os anos 1920 e 1930, São Paulo chegou a contar com 12 clubes disputando o campeonato informal. “Algumas equipes eram extintas, mas logo depois outras eram criadas” — lembra Petrônio Domingues, professor do Departamento de História da Universidade Federal do Sergipe (UFS) e pesquisador da trajetória dos times de futebol de negros em São Paulo. “O futebol é um exemplo da barreira enfrentada pelo negro para ser inserido na sociedade depois da libertação dos escravos.” (GRANDELLE, 2013)

Mario Filho (2007) destaca em seu livro que apesar de alguns mulatos, negros, ou brancos pobres terem sido aceitos em determinados times grandes, isso não significou o fim da discriminação. Esses jogadores eram casos isolados e não ofereciam nenhuma ameaça à supremacia branca, típica daquele momento. Como exemplo de casos isolados de jogadores mulatos que atuaram nos grandes clubes nessa época, destaca-se Artur Friedenreich. Este, apesar de ser "um meio mulato" de classe média e possuir olhos verdes, antes de entrar em campo ficava horas alisando seu cabelo farpo e duro para disfarçar seus traços de negritude.

Em 1914, o jogador Carlos Alberto, do Fluminense (RJ), entraria para a história do futebol, devido a um episódio pleno de significados. Num jogo contra o América (MG), procurando uma maneira de branquear sua pele que era negra, Carlos Alberto cobriu o seu rosto com pó-de-arroz, e com o suor escorrendo pelo seu rosto, a maquiagem ia derretendo. A torcida adversária não perdoou e começam com os gritos de "É pó-de-arroz!" e outro episódio foi do jogador Robson, também do Fluminense (RJ) por dizer: "Eu já fui preto e sei o que é isso." (FILHO, 2003).

O futebol, assim como os Jogos Olímpicos, era considerado um resgate dos valores gregos, a união da inteligência com beleza corporal, uma mistura de racionalismo com o ideal de conquista — descreve Carlos Alberto Figueiredo da Silva, autor do livro "Racismo no futebol". — Daí vem a ideia do "fair play", do cavalheirismo. Esses valores nobres seriam exclusivos da elite branca.

2.1 – A luta do negro por espaço no campo

A profissionalização do futebol no Brasil foi um grande passo para a redução do racismo na modalidade. Como os atletas passaram a ser contratados e pagos de acordo com seu nível técnico, a cor de pele dos jogadores passou a ser uma questão menos importante. A nova situação do futebol brasileiro propiciou o reconhecimento de talentos como Leônidas da Silva, o Diamante Negro, que encantou o mundo na Copa de 1938, na França. Antes disso, a presença de negros na Seleção Brasileira ainda era vista com maus olhos. Chamado por muitos jornalistas de "mulato invocado e cheio de gás" e tido como o inventor da bicicleta, Leônidas brilhava fora e dentro de campo. Apesar do infeliz e recorrente racismo da época, o jogador tornou-se o primeiro a ser dono do próprio passe, e isso causou um enorme desconforto nos dirigentes dos times, pelo fato de ser negro, um dos melhores (quase o melhor) em campo e estrela de boas peças publicitárias da época. Artilheiro da copa de 1938 na França no qual marcou um gol

descalço, voltando ao Brasil virou nome de chocolate (há quem diga que na época o futebolista recebeu três mil dólares).

Em 1921, por exemplo, o então presidente Epitácio Pessoa sugeriu que não fossem convocados jogadores negros para a disputa do Sul-Americano daquele ano para que fosse projetada no exterior “uma imagem composta pelo melhor da sociedade brasileira”. No entanto, a popularização do futebol ao longo do século passado o expandiu a todas as camadas sociais do país, e negros como Domingos da Guia, Leônidas, Barbosa, Nilton Santos e outros foram conquistando seu espaço nos clubes e na Seleção e agregando valor ao futebol brasileiro.

Havia, no entanto, uma vez no ano em que os melhores de cada liga se encontravam. Entre 1927 e 1939, sempre no dia 13 de maio — quando é comemorada a abolição da escravatura — ocorria o clássico “preto x branco”. A equipe vencedora em três anos consecutivos levaria a Taça Princesa Isabel. Não há registro do placar de todas as disputas, mas, entre os resultados conhecidos, os negros venceram quatro vezes; os brancos, duas; e houve um empate. O mulato Arthur Friedenrich, considerado o melhor jogador brasileiro antes de Pelé, chegou a participar do desafio, mas vestindo a camisa dos brancos. (Mario Filho, 1947)

Os campeonatos negros também seriam vistos em outras cidades. No Rio Grande do Sul, por exemplo, Pelotas teve a Liga José do Patrocínio; na capital do estado, a Liga Porto Alegrense, que se eternizou por seu nome pejorativo — a Liga da Canela Preta.

A Liga da Canela Preta, como ficou conhecido popularmente, foi um campeonato feito por negros.

“No início do século 20, os negros residentes em Porto Alegre organizaram a Liga Nacional de futebol Porto-alegrense, que congregava times de futebol formados somente por jogadores que não eram aceitos nos clubes de elite da cidade. O campeonato ficou conhecido de forma depreciativa como Liga da Canela Preta. O torneio é lembrado até hoje como uma forma de resistência ao preconceito racial.” (COSTA, 2018)

No Rio Grande do Sul, o futebol começou a ser praticado na cidade de Rio Grande, em 1900, quando foi fundado o Sport Club Rio Grande, originalmente de descendência alemã. Em Porto Alegre, Grêmio, de origem alemã e o Internacional, de descendentes italianos, não aceitavam negros em seus quadros.

“O campeonato possibilitou o ingresso de jogadores oriundos das camadas menos favorecidas, principalmente de etnia negra. A competição contava com nove times, todos organizados com diretorias, técnicos e sócios. Entre os disputantes, destacaram-se o Bento Gonçalves e o Rio-Grandense. Também eram participantes o Primavera, o Primeiro de Novembro, Oito de Setembro, União, Palmeiras, Aquidabã e Venezianos, todos os times oriundos da comunidade negra, como Cidade Baixa, Ilhota, Colônia Africana e Areal da Baronesa.” (COSTA, 2018)

Na década de 1920, a Associação Porto-Alegrense de Desporto (APAD) criou a segunda divisão, denominada de Liga do Sabão, permitindo a participação de atletas negros. O fato que começou a chamar a atenção dos clubes brancos que buscavam convencê-los a ingressarem em seus times.

A dupla “Grenal” começou a aproveitar os jogadores atuantes na Liga Canela Preta. O Internacional foi o primeiro a admitir a presença de negros em seu grupo, com o atacante Dirceu Alves, que em 1928 atuou em dez partidas com a camisa colorada, apostando em nomes como Tesourinha que se tornaria um dos destaques do Rolo Compressor, time multicampeão nos anos 40.

Marcelo Carvalho, diretor do site Observatório da discriminação racial no futebol, destaca que a liga da Canela Preta foi fundamental para a luta em busca de espaço a população negra. “A Liga da Canela Preta foi fundamental, pois além do protesto, houve a criação de um espaço onde os negros pudessem jogar futebol. Para a criação. Também representou a organização de clubes que promoviam festas para exaltar a cultura negra”. (COSTA, 2018) Sobretudo nas décadas de 1930, 40 e 50, os negros lutaram, resistiram, afirmaram e reafirmaram seguidas vezes o seu valor e a sua habilidade no futebol, tanto que compuseram os quadros dos grandes clubes e da seleção brasileira. Foi exatamente através da sua maneira de jogar que se diferenciou o estilo próprio do brasileiro no futebol, no qual privilegia o drible, o improvisado e a criatividade e que ficou sendo denominado de “futebol-arte”.

O Fluminense também teve sua participação na luta contra o racismo no futebol, apesar de involuntariamente. À medida que a presença de negros e mulatos foi se tornando cada vez mais aceita dentro dos elencos – ou necessária, pois o nível do futebol praticado em campo ia melhorando e os times se viam obrigados a contar com jogadores de todos os tons de pele para poder competir em pé de igualdade com seus rivais – o clube das Laranjeiras viu aumentar o preconceito dos sócios com os jogadores negros que frequentavam sua sede. Como uma medida para separar sócios de jogadores, o Fluminense entrou na briga pela profissionalização do futebol no início da década de 1930, fazendo com que seus jogadores, agora empregados assalariados, entrassem na sede das Laranjeiras pela porta de funcionários e não mais tivessem contato com os sócios elitistas.

A partir do momento em que se instituiu, o profissionalismo foi fundamental para romper o preconceito de classes na Inglaterra. Foi o instrumento que permitiu de vez a entrada das classes mais pobres nos clubes, em 1885. Os proletários, que conciliavam o trabalho nas fábricas com os jogos em uma prática maquiada, puderam se assumir como jogadores de futebol. Já no Brasil, a introdução do profissionalismo provocou um reflexo ainda mais

profundo na sociedade. Mais do que a aproximação de classes, foi o responsável por integrar em definitivo aqueles que eram excluídos pela cor de sua pele.

Se em 2013 o futebol brasileiro celebrou os 80 anos de profissionalismo, a data também poderia ser lembrada como a da abertura das portas aos negros no esporte nacional. E, se ainda há bastante a evoluir em relação às relações profissionais, muitas vezes de fachada e não durando mais do que quatro meses, o mesmo pode se dizer em relação ao preconceito de cor. O racismo continua proporcionando episódios repugnantes dentro de campo. No entanto, é impossível não se reconhecer o protagonismo do negro nessas oito décadas de caminhada. E que ajudou a mudar a cabeça da sociedade brasileira.

Em 1933 os negros já se faziam presentes na elite do futebol brasileiro. Porém, em uma posição inferiorizada, com poucos exemplos de glorificação. Raros, mas crescentes a partir da década de 1920. Bangu e Ponte disputam entre si o título de “primeiro clube no país a aceitar negros”. O maior expoente dessa integração foi o Vasco. O título do Campeonato Carioca de 1923 é representativo por ter sido conquistado por um time de negros, operários e suburbanos. Um exemplo dentro de uma sociedade racista, que ajudou a transformar o contexto do futebol nos anos seguintes.

“Os “Camisas Negras” são um divisor de águas pela maneira como expuseram a questão dentro do futebol. Em um ano, os cruzmaltinos foram do triunfo na segunda divisão à maior glória do Rio de Janeiro. E de maneira irrepreensível, com 12 vitórias em 14 jogos. Um sucesso dentro de campo que se refletia inevitavelmente nas arquibancadas, com milhares de torcedores atraídos aos jogos.” (STEIN, 2013)



Figura 7 - Time do Vasco em 1923

Fonte: Observatório da discriminação racial no futebol

A presença de negros e mulatos era marcante em clubes como Vasco, Bangu, Bonsucesso, São Cristóvão – campeão em 1926. Ainda assim, alguns resistiam a essa integração. E as conquistas de Flamengo, América e Bangu na virada entre os anos 1920 e 1930 davam justificativas a quem defendia essa posição. Entretanto, a tensão crescia com a difusão das gratificações do ‘profissionalismo marrom’. Um processo crescente que provocou a revolução em 1933.

O profissionalismo no futebol brasileiro só ganhou força com a influência do futebol estrangeiro. Clubes de países como Itália e Espanha começaram a importar jogadores para compor os seus times.

A integração racial demorou a acontecer na seleção brasileira, com episódios até o fim da década de 1920 em que jogadores negros foram deixados de lado “projetar uma imagem composta pelo melhor da sociedade brasileira no exterior” – como declarou o presidente Epitácio Pessoa, na ocasião do Campeonato Sul-Americano de 1921. No início dos anos 1930, a segregação era menor. E por isso que Domingos da Guia e Leônidas da Silva conseguiram o reconhecimento internacional.

No livro *Futebol, ao Sol e Sombra* (ed. L&PM, 2004), do jornalista uruguaio Eduardo Galeano, obra em que reúne casos interessantes do mundo futebolístico, Galeano relata como foi feito o decreto pelo presidente do Brasil no período: “Em 1921, a Copa América ia ser disputada em Buenos Aires. O Presidente do Brasil, Epitácio Pessoa, redigiu um decreto de brancura: ordenou que não se enviasse nenhum jogador de pele morena, por razões de prestígio pátrio. Das três partidas que jogou a seleção perdeu duas” (p. 49).

A profissionalização abriu definitivamente o caminho para que os primeiros gênios do futebol brasileiro, a suceder Friedenreich, entrassem em campo. Fausto dos Santos, Domingos da Guia, Leônidas da Silva, Waldemar de Brito e depois uma longa e ilustre galeria de Zizinho a Pelé.

A diferença social, muito mais marcante naquela época, era notada pela quantidade de negros nas camadas mais pobres. Ser profissional, jogador de futebol, não era nenhuma vergonha.

Por outro lado, a elite branca tinha seus pudores. “O jogador branco, de boa família, não tinha medo só de se tornar profissional, tinha vergonha também. Se jogasse mal, ninguém abriria a boca. ‘Eu sou amador, não devo nada ao clube’. O clube é que lhe devia. Fosse um profissional perder um gol certo, cercar um frango, para ver uma coisa”, escreveu Mário Filho, no clássico *O Negro no Futebol Brasileiro*. “Viver do clube sendo, para os amadoristas, quase o mesmo que viver de mulher. Uma espécie de cafetinização”.

A profissionalização entre os negros crescia cada vez mais, já que eles eram os melhores jogadores “Era a vez do preto, o agora sim. Ia-se a um treino de um Fluminense, de um Flamengo, de um América, de um Vasco, os pretos se amontoavam na pista. Não admira, portanto, que um time quase inteiramente de pretos fosse o campeão de 1933. Para se ter uma ideia, eram oito mulatos e pretos no time do Bangu”, complementa Mário Filho. “O fato de um jogador assinar um contrato, receber dinheiro do clube, não lhe diminuía a popularidade, não lhe tirava a consideração do torcedor, pelo contrário. Ele preferia o profissional, o que ganhava para jogar. Tanto preferia que não ia mais ver jogo de amador”

O título do Bangu veio para corar a integração que tomaria conta do esporte a partir da profissionalização, tão importante quanto aquele conquistado pelo Vasco a dez anos antes com um time que também era repleto de negros. O Flamengo montou um esquadrão com craques negros no final dos anos 1930, com Leônidas, Fausto, Waldemar de Brito, Domingos da Guia, e ganhou tanta popularidade justamente por isso.

“Para além das paixões clubísticas, a democratização da prática do futebol, materializada na ascensão de jogadores negros e mestiços, permitiu que esse esporte viesse ocupar uma posição central na construção da identidade nacional”, analisa o cientista político Luis Fernandes, no prefácio da edição de 2003 de *O Negro no Futebol Brasileiro*. “Em oposição ao racismo aberto das velhas oligarquias, o novo discurso oficial passou a valorizar a mestiçagem, associando-a aos sucessos de uma ‘escola brasileira de futebol’ que expressaria nossa singular maneira de ser no mundo”.

O processo se encadeou. O sucesso daqueles primeiros negros do Vasco ajudou a impulsionar o profissionalismo. Que, por sua vez, abriu espaço em todos os clubes para negros, mulatos, pobres. A melhora na qualidade do jogo foi notável e ajudou a seduzir ainda mais o público. E o sucesso da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1938, do time de Leônidas da Silva, foi a melhor exposição possível para aquele futebol negro, de ginga, de talento inegável. Graças a essa transformação, a mudança da mentalidade da sociedade em geral também pôde se renovar.

É verdade que, apesar da evolução, nem sempre o respeito imperou no futebol – como no resto do Brasil. O racismo ainda era fortíssimo na década de 1930, mesmo com o sucesso de tantos craques. Anos depois, com as derrotas nas Copas de 1950 e 1954 criaram um estigma que teve em Barbosa a sua maior vítima.

2.2 – Os negros na Seleção Brasileira de futebol.

A Copa de 1950 representou um momento especial, no qual o Brasil poderia mostrar ao mundo sua arte. Entretanto, a derrota para o Uruguai, time de brancos e com estilo europeu, foi um balde de água fria. Era necessária a identificação dos culpados pela frustração do povo, afinal “o futebol expressava nitidamente o sentimento de identidade nacional forjada sob a batuta autoritária.” (FRANCO JÚNIOR, 2007). De acordo com Mario Filho (2003), foram escolhidos como bodes expiatórios o “frangueiro” Barbosa, o “covarde” Bigode e o “cachaceiro” Juvenal, enquanto outros negros e mulatos (Zizinho, Bauer e Jair) e os brancos do time não foram acusados de nada.

“Curiosamente, culpavam três negros pela “tragédia” de 16 de julho. Provavelmente, se o Danilo e o Ademir fossem negros, teriam sido acusados, respectivamente, por não fazer a marcação correta em Julio Pérez e por não anotar gols costumeiros. Após a Copa de 1950, criou-se um estigma em relação ao goleiro negro, tal como revela Helton (ainda quando jogava pelo Vasco):

“Sei que havia uma lenda de que goleiro negro era ruim, mas sempre procurei ignorar isso. Mas realmente penso em fazer com que as pessoas esqueçam esse tipo de preconceito. Todos somos irmãos”. (Lancenet, 14/01/2000 apud SILVA; VOTRE, 2000 in TONINI, 2009)

Para Gordon (1996), a derrota trouxe à tona toda a carga racista enraizada em nossa sociedade; as acusações, repletas de rancor racista, vinham de todos os lados: “Bigode se intimidara frente a Obdúlio Varela, apanhara, era um covarde”; “a culpa é de Barbosa”(Gordon, 1996, p. 71). Se esse era o sentimento em relação ao Brasil, podemos observar que as justificativas elaboradas para a derrota eram semelhantes às mesmas justificativas utilizadas para explicar o atraso do Brasil.

Gordon Jr (1996) denuncia que as representações sobre a Copa de 50 se afinam com as teorias do Século XIX que viam o futuro do Brasil com pessimismo, pela presença do negro entre as raças “que compunham o povo brasileiro. Tais teorias, quando adaptadas à realidade brasileira, encaravam a miscigenação com pessimismo, que era extensivo ao futuro da nação (Schwarcz, 2002): “Enquanto dependermos do negro vai ser assim..”, “essa sociedade racialmente impura não poderia mesmo a chegar a lugar nenhum.”, “para as grandes decisões não era possível contar com os pretos e mestiços. Eles se acovardam, se borram todos. Assim como Barbosa quando estreou no escrete brasileiro” (Gordon Jr., 1996, p. 72).

Em um depoimento do goleiro Barbosa no ano de 2000, ele relata que teria presenciado num vagão de trem da Central, no qual ele seria o assunto. Alguns dias após a partida contra o

Uruguai, os jogadores teriam sido convidados a ir ao Palácio do Governo, numa das poucas homenagens ao time. Na volta, Barbosa e Ademir teriam decidido tomar o trem. Dentro do vagão, segundo o relato de Barbosa em 2000, os dois ouviram a seguinte conversa, sem serem notados:

“– Olha, eu vou te dizer uma coisa: se eu conseguir pegar aquele crioulo, tu não sabe o que eu ia fazer com ele. Se eu encontrasse com ele agora, eu ia acabar com a vida dele. Aí eu abaixei o jornal assim e digo: – O senhor está me procurando? Quando o cara olhou para a minha cara, olha, o cara era moreno, ficou azul, ficou amarelo, mudou de cor uma porção de vezes. E aí ele pulou pela janela. O trem parou na estação de Bento Ribeiro e ele ‘pum’”. (CARVALHO. Copa de 1950 – da euforia ao silêncio (2010).)

Somente após as três primeiras conquistas brasileiras em Copas do Mundo (1958, 62 e 70) é que tivemos a “revanche do preto” (GORDON JÚNIOR, 1996, p. 67).

Até a Copa de 1958, o Brasil passaria por muitas dificuldades. Caiu nas quartas de final para a Hungria na Copa de 1954 realizada na Suíça, a morte de Charles Miller em 1953 – considerado o pai do futebol brasileiro - e o maior trauma daquele ano, o suicídio de Getúlio Vargas, em 24 de agosto.

Na Copa do Mundo de 1958, o Brasil chegou desacreditado pelos torcedores. Ganhou o primeiro jogo contra a Áustria por 3-0, empatou o segundo contra Inglaterra por 0-0 – o primeiro jogo sem gols em uma Copa do Mundo – e venceu o terceiro e decisivo jogo contra a União Soviética por 2-0, apresentando ao mundo um jovem negro, Pelé, de 17 anos, que mais tarde viria a ser o maior jogador da história do futebol.

Até a seleção de Pelé e Didi entrar em campo, na estreia do Brasil contra a Áustria em 1958, os jogadores negros eram tidos como instáveis emocionalmente e, por isso, “amarelavam em jogos decisivos”, porém, para o jornalista Fábio Mendes, autor de *Campeões da Raça – Heróis Negros da Copa de 1958*, “foram justamente atletas brancos que tiveram momentos de descontrole emocional. E foram os negros que mostraram força psicológica quando o time mais precisou”.

Mendes não deixa de contar: refere-se a um descontrole emocional de Mazola após perder um gol feito, com sua pele branca e cabelos loiros no 0x0 de Brasil e Inglaterra em 58. Para ele, o jogador que mais segurou a onda no campeonato foi o meio-campo, o Didi, e encaminha o leitor para os 4 minutos iniciais da partida contra a Suécia: “Quando o Brasil sofreu o primeiro gol, alguns atletas sentiram a pressão. Mas o Didi não: ele foi pro gol, pegou a bola e caminhou devagarinho até o meio de campo com a bola sob o braço. E falou pro time que o Brasil era melhor e ia virar o jogo, como realmente aconteceu”.

Assim como Fábio Mendes, a escritora Angélica Basthi também retratou um jogador em esteve em campo na Suécia. Em sua obra “Pelé: estrela negra em campos verdes”, dedica um capítulo para resgatar um Pelé de 1958, intitulado “Pretos e Heróis”. Ao ser questionada sobre um momento negativo do atleta, o racismo salta: “Foi uma cobertura feita pela revista O Cruzeiro, onde o repórter faz toda uma introdução de como as moças loiras brancas europeias se encantavam pelos jogadores negros. A reportagem traz o episódio de uma mãe e sua filha, que vê o Pelé e fala “mamãe, ele fala”. Ou seja, associa o corpo negro ao animal, que foi justamente por muito tempo o que justificou a escravidão negra no Brasil e no mundo”

Basthi conta com entusiasmo sobre um momento de glória do considerado melhor jogador jovem e Chuteira de Prata da Copa de 58: “Fiquei surpresa em saber que o Pelé tinha parado uma guerra civil na Nigéria. Achei inusitado. Provavelmente não vai se repetir na história mundial. Existia uma guerra civil interna, e houve um acordo para que as pessoas pudessem ver o Pelé jogar. O conflito parou por 48h, para o público visse um fenômeno mundial. Foi surpreendente”.

O início da mudança de pensamento dos brasileiros sobre os negros no futebol, veio com o título mundial contra a Suécia, os donos da casa. “O Brasil foi campeão contra os europeus – que eram considerados os melhores do mundo e é claro, eram todos brancos – demonstrando uma crescente superioridade técnica e tática dos jogadores, especialmente Pelé. O fato de um menino negro ter aplicado tamanho baile nos alvos e loiros zagueiros foi motivo de orgulho de um povo, que cansado do complexo de vira-latas, viu no futebol sua redenção.” (SOUZA, 2014)

“O título mais evocador dos sentimentos suecos é o do Estocolmo Tidningen, que sobre a largura de sua primeira página imprimiu: A Suécia foi campeã do mundo por apenas quatro minutos.” (Aroldo Chiorino, jornalista esportivo da folha de São Paulo em 1958).

A aceitação do maravilhoso futebol brasileiro, escrita no jornal sueco *Svenska Dagbladet*, ganha um elogio que diz “Nós suecos, voltando para casa, pensamos que acabamos de assistir a uma final de uma beleza excepcional, ganha por remarcáveis vencedores. Do fundo do nosso coração, estamos contentes de ter visto o título mundial atribuído ao Brasil.” Títulos como “Perdemos de bom coração” povoavam as páginas suecas.

A imprensa londrina foi descrita como unânime em celebrar o triunfo do Brasil. O *Daily Express* diz que “os grandes mestres vindos do Brasil executaram a maior sinfonia de futebol de nossos tempos, sinfonia que foi dirigida por um jovem de pele escura chamado Garrincha”. O *Daily Mirror*, com tiragem de cinco milhões de exemplares destacada, vai além ao afirmar

que “os brilhantes e desconcertantes mestres brasileiros hipnotizaram os suecos e os reduziram a uma abjeta submissão”. (SOUZA, 2014)

O povo brasileiro voltava a sorrir novamente depois de terem passado por muitas dificuldades. “Depois da conturbada morte de Getúlio Vargas, o Brasil tinha um novo presidente Juscelino Kubitscheck, de nome complicado e sorriso aberto. O Brasil caminhava devagar, eram fundadas a bossa nova, o novo teatro, o cinema nacional avançava e ganhava prêmios. ” (AGUIAR, 2017)

Havia sorrisos nas ruas e o povo se preparava para receber sua corte e seus reis sobre os caminhões de bombeiro em quase todas as capitais brasileiras. Para quem viu e ouviu, foi de encher a alma. Éramos felizes e mal nos dávamos conta. O título da Copa do Mundo de 1958 representou, então, um sentimento de orgulho e alívio para uma nação, reconhecido por europeus, que afirmou o Brasil como o país do futebol. Graças a um elenco miscigenado, por um capitão branco, e com um atacante negro que fez por merecer o título de Rei.

3. BRASIL, “PAÍS DO FUTEBOL”

“O futebol teria numa sociedade como a brasileira, em grande parte formada de elementos primitivos em sua cultura, uma importância toda especial. E era natural que tomasse aqui o caráter particularmente brasileiro que tomou. O desenvolvimento do futebol, não num esporte igual aos outros, mas numa verdadeira instituição brasileira, tornou possível a sublimação de vários daqueles elementos irracionais de nossa formação social e de cultura”. (FREYRE, 1947)

O século XX no Brasil, foi o século do futebol. O país conheceu o que nos dias de hoje, é a maior paixão nacional. Mais do que uma paixão, o futebol foi um elemento primordial na história recente do país, em sua transição de uma sociedade rural para uma moderna sociedade urbana e industrial. Como vários estudiosos destacaram, o futebol no Brasil foi um poderoso mecanismo de integração social, de solidificação de uma identidade nacional, além de revelar certas características imaginadas da “alma brasileira” (LEVER; DAMATTA; LEITE LOPES; HELAL; 1983, 1982, 1994, 1997). Foi através do futebol que os brasileiros puderam integrar “Estado nacional e sociedade e sentir a confiança na nossa capacidade como povo que podia vencer como país moderno, que podia, também, cantar com orgulho seu hino e perder-se emocionado dentro do campo verde da bandeira nacional.” (DAMATTA, 1994, p. 17).

Casos como o do goleiro Aranha, que jogava pelo Santos FC, em um jogo contra o Grêmio de Porto Alegre, aquele mesmo clube que somente no ano de 1952 é que foi liberada a presença de negros em seu time.

“A nota assinada pelo então presidente do clube Saturnino Vanzelotti, liberava a participação de atletas de cor, impedidos de serem gremistas desde o começo dos dias, em 1903. A nota do jornal, em vez de revelar apenas uma atitude corajosa de Vanzelotti, escancarava o atraso, o racismo velado, o racismo devassado e os reais motivos que levaram o Grêmio a aceitar negros em seu elenco.” (MANENTI, 2014)

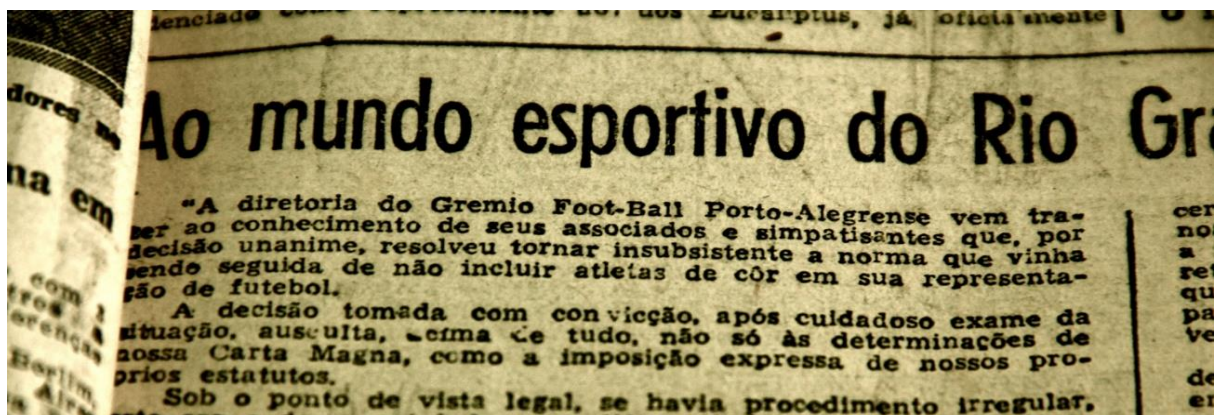


Figura 8 - Jornal Correio do Povo – A Diretoria do Gremio Foot-Ball Porto Alegrense vem trazer ao conhecimento de seus associados e simpatizantes que, por decisão unanime, resolveu tornar insubsistente a norma que vinha sendo seguida de não incluir atletas de cor em sua representação de futebol”

Fonte: Observatório Racial do Futebol, 1952

A ousadia do gabinete de Vanzelotti estava sendo contra-atacada: “São atitudes arbitrárias como essa que geram a discórdia numa agremiação, que a tornam menos pujante, menos gloriosa, menos respeitada e menos vezes campeã”. (‘ex-associados e simpatizantes descontentes’ em nota ao Correio do Povo em 8 de março de 1952).

3.1 – Os casos de discriminação racial atuais que mais chamaram a atenção da mídia.

O caso do goleiro Aranha ocorrido em 2014 com a torcedora Patrícia Moreira mostra que há 119 anos ainda existe racismo no futebol gaúcho. O Santos venceu o Grêmio por 2 a 0, o goleiro ganhava tempo no chão já no fim do jogo, quando pelo menos uma dezena de torcedores gremistas começou a despejar as injúrias raciais. O goleiro pediu a interrupção do jogo ao árbitro, mas não foi atendido. Aos operadores de câmera que o cercavam, implorou por um flagrante que fosse, para provar que não estava mentindo.

O episódio ganhou repercussão internacional; a pressão sobre a direção gremista nunca foi tão forte. Acuado, o presidente do clube Fábio Koff tentou escapar: “Temos nossos regulamentos internos, não se deve discriminar raça ou religião e não aceitamos qualquer tipo de preconceito” (GLOBO ESPORTE, 2014). Não adiantou. Uma semana depois, o Grêmio estava expulso da Copa do Brasil, decisão aplaudida até mesmo pelo presidente da FIFA.

O primeiro clube a ser punido por injúrias raciais pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva – STJD – foi o Juventude em 2005, o clube foi punido em decisão unânime, com uma multa aplicada no valor de R\$ 200 mil e tirou o mando de campo de duas partidas da equipe de Caxias do Sul. (RADEMAKER, 2005)

Denunciado pelo árbitro mineiro Alício Pena Júnior, que apitou a partida contra o Internacional no dia 22 de outubro de 2005, o Juventude foi penalizado pelos atos de sua torcida. Conforme relatou o árbitro em sua súmula, a torcida local ‘imitava um macaco todas as vezes’ que Tinga, volante do Inter, tocava na bola.

O STJD puniu o clube conforme o artigo 213 do Código Brasileiro de Justiça Desportiva (CBJD), o que poderia acarretar em pena de até três jogos e multa de R\$ 100,00 até R\$100.000.

Os casos de discriminação racial julgados e punidos pela Justiça Desportiva, legalmente prevista no artigo 217 da Constituição Federal e no capítulo VII da Lei 9.615/98. Até o ano de 2018, foram somados cerca de 28 casos de racismo no futebol, curiosamente, desses 21 casos, 13 deles são envolvidos times dos estados do Sul do Brasil, todos eles foram julgados pelo

Tribunal de Justiça Desportiva (TJD) ou pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) de acordo com o Código Brasileiro de Justiça Desportiva (CBJD).

O CBJD, diferentemente da legislação criminal brasileira, não diferencia os tipos de injúria racial (art. 140, § 3º do Código Penal) e racismo (Lei n. 7.716/1989), optando pelo único dispositivo referente à prática de ato discriminatório, desdenhoso ou ultrajante, conforme dispõe o Art. 243-G do referido diploma legal: *“Praticar ato discriminatório, desdenhoso ou ultrajante, relacionado a preconceito em razão de origem étnica, raça, sexo, cor, idade, condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência.”* (OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL DO FUTEBOL, 2018)

Os incidentes discriminatórios só começaram a ser julgados desta forma a partir de 2009 quando uma alteração revogou a previsão de infrações individuais físicas e morais, criando outras condutas puníveis, incluídos pela resolução CNE nº 29 de 2009. Anterior a esta data tivemos casos de racismo denunciados no artigo 213 e 258 do Código Brasileiro de Justiça Desportiva.

O último caso julgado pelo Tribunal de Justiça Desportiva, foi o de Uesclei dos Santos, árbitro assistente, no dia 27 de janeiro de 2018 pelo Campeonato Amazonense, no jogo entre Fast x Penharol – AM, em que o auxiliar cita racismo em súmula: “Macaco tinha que estar na senzala”. Fast é condenado com perda de três pontos, pagamento multa de mil reais e perda de dois mandos de campo.

O futebol, esporte que une culturas e povos diferentes, é marcado também por casos de racismo dentro e fora de campo. Os veículos de mídia são outra maneira de que algumas pessoas encontram para exercer seus atos racistas, como o caso do jogador brasileiro Fernandinho, que sofreu ataques racistas em suas redes sociais após a eliminação da seleção brasileira na Copa de 2018.

“A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) emitiu um comunicado repudiando as manifestações racistas contra Fernandinho, após a derrota do Brasil por 2 a 1 para a Bélgica, pelas quartas de final da Copa do Mundo da Rússia.” (RELATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL 2018, 2018)

O episódio é um entre vários, que recebem visibilidade ou não, em que o racismo deu as caras no futebol e refletiu o comportamento de uma sociedade preconceituosa, que ainda tem muito progresso a fazer.

3.2 – A luta contra o racismo continua

Nos primeiros 6 meses de 2019, foram registrados cerca de 21 casos de racismo. No atual cenário da elite do futebol brasileiro, apenas dois técnicos negros é que comandam os clubes da Série A do Campeonato Brasileiro.



Figura 9 Roger Machado a esquerda e Marcão a direita em campanha contra o racismo.

Fonte: Site oficial do Esporte Clube Bahia)

“A partida entre Bahia e Fluminense do dia 11 de outubro foi marcada pela união dos seus respectivos treinadores, Roger Machado e Marcão, por uma campanha contra o racismo promovida pelo Observatório Racial do Futebol. Os dois únicos técnicos negros da série A vestiram uma camisa com a frase “Chega de preconceito” e deram as mãos antes do início do jogo” (OBSERVATÓRIO, 2019).

Em entrevista coletiva após a derrota do Fluminense, Roger Machado deu uma aula sobre o racismo estrutural no Brasil e suas implicações no futebol. Para ele, a falta de treinadores negros nos clubes é reflexo de uma sociedade institucionalmente racista.

“Se não há preconceito no Brasil, por que os negros têm um nível de escolaridade menor que o dos brancos; por que a população carcerária, 70% dela é negra; por que quem mais morre são os jovens negros no Brasil, por que os menores salários entre brancos e negros são pros negros, entre as mulheres brancas e negras, são pras negras; por que entre as mulheres, quem mais morre são as mulheres negras? ”, questionou.

O racismo que se expressa nos estádios não acaba quando se sai deles. A naturalidade com que opiniões racistas são manifestadas no ambiente esportivo só expressa a realidade preconceituosa do Brasil.

Para Marcelo Carvalho, fundador do Observatório Racial do Futebol, o futebol é mais do que um espelho da sociedade: ele amplifica o problema. “Sempre se acreditou que o futebol permitia esses gritos racistas, homofóbicos, machistas. Mas será que realmente permite? Eles têm que aceitar, se silenciar, só porque são atletas? O futebol representa o problema da sociedade, mas de forma maior. Os casos ganham muito mais visibilidade do que os cotidianos”, explicou.

Mesmo depois da dificuldade de fazer a denúncia chegar ao STJD, a punição muitas vezes não acontece. Quando o ato criminoso é cometido por uma pessoa ou por um grupo pequeno que não pode ser identificado, o clube dificilmente é punido.

Em 2019, o futebol brasileiro registou o recorde de número de casos de racismos desde quando começou a ser computado, somando 53 casos no total. O Observatório Racial do Futebol divulgou a quantidade de casos desde 2014, quando 20 casos foram registrados. Desde então, os números costumam subir: 35 (2015), 25 (2016), 43 (2017) e 44 (2018).

O futebol, infelizmente, não reproduz nada de novo. Do Brasil ao resto do mundo, a convivência pacífica com o racismo tem sido assimilada como norma ao longo de décadas. E os sinais estão por toda parte. Dos discursos políticos ao Big Brother. Das marchinhas de Carnaval aos cânticos de torcida. O futebol, porém, ao contrário de muitos espaços, impulsiona negros a posições de protagonismo. Por consequência, os expõe à fúria incontida dos racistas. Cobra-se muito de Pelé, o negro mais bem-sucedido da história da modalidade, pela falta de engajamento em movimentos antirracistas. Mas não existe cobrança similar sobre figuras como Messi, Cristiano Ronaldo e Neymar que, da mesma maneira, poderiam emprestar sua voz para respaldar a luta de vários colegas negros por respeito e dignidade.

Enfrentar o racismo é uma missão social, coletiva e civilizatória, não um fardo que apenas as pessoas e personalidades negras devem carregar. Nesse sentido, é fundamental que a ação seja transformadora, especialmente em uma plataforma de longo alcance como o esporte. Passou da hora de os verdadeiros protagonistas do espetáculo saírem das frases feitas, das campanhas batidas de “todos somos iguais” ou das mensagens de apoio no Instagram e partirem para atitudes de maior impacto. O show não pode continuar à sombra dos racistas. É bom lembrar que, além deles, os cúmplices também envergonham o futebol.

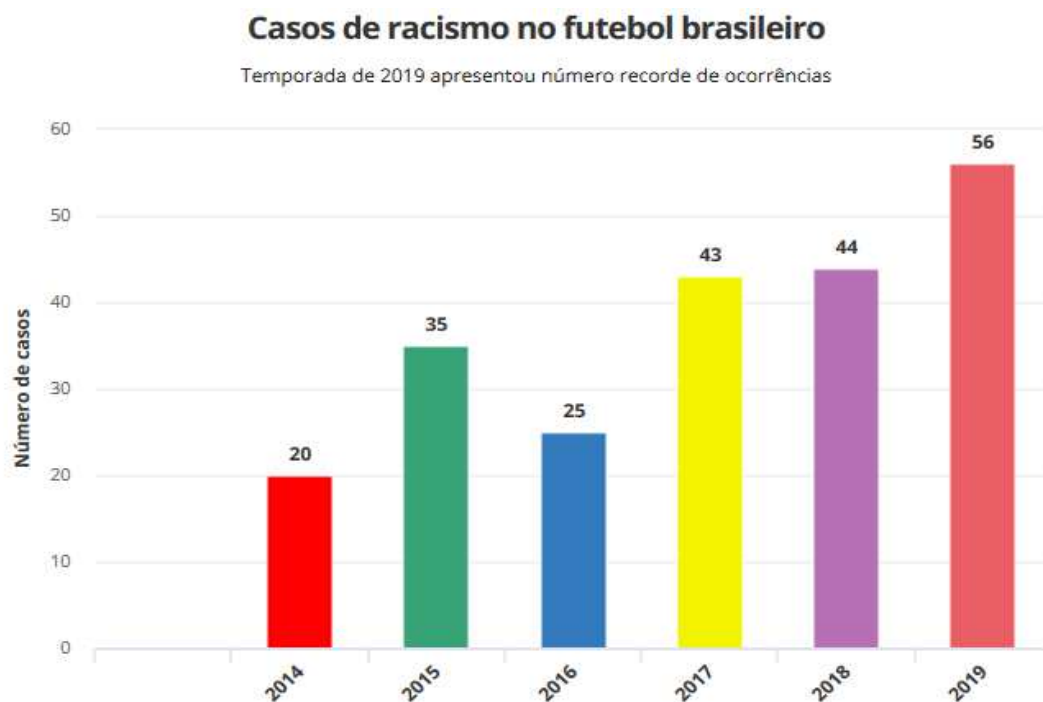
“O sistema do futebol somente adotará uma abordagem rigorosa com agressores a partir do momento que tiver sua engrenagem financeira afetada, o que demanda coragem e posicionamento antirracistas dos atletas, sobretudo dos brancos, a fim de que atos discriminatórios não sejam mais tolerados.” (PIRES, 2020)

Negar a existência de racismo no Brasil pode ser com certeza, considerada uma forma de racismo, ou, mais especificamente, um preconceito racial de marca. Para o intelectual Oracy Nogueira “dizer quem é” esse conceito, ao contrário do preconceito de origem predominante nos Estados Unidos, depende do modo de atuação do indivíduo. Se ele apresenta habilidades específicas, ou se este indivíduo se mostra inteligente, ou mesmo perseverante, ele pode ter o tratamento discriminatório abrandado por essas particularidades apresentadas.

Assim, de contradição em contradição, a história do racismo no Brasil é revivida, portanto, precisamos analisá-la a partir de uma consciência histórica, pois até hoje o racismo se manifesta em várias circunstâncias e espaços sociais. Assim, o preconceito e a discriminação raciais não são meras consequências do passado escravocrata.

Infelizmente além da discriminação racial, outros tipos de discriminação se manifestam na sociedade. Ser diferente não deveria ser um problema. Porém, ao longo da nossa história e, até hoje, a sociedade continua a discriminar e tratar diferente os diferentes.

Ao observar na imagem abaixo constatamos que, a partir de 2017 e 2018, a porcentagem mais que dobrou até 2018 e, em 2019, quase triplicou.



Fonte: Observatório do Racismo no Futebol Brasileiro

Figura 10 - Casos de racismo no futebol brasileiro

Um dos casos mais marcantes de racismo com jogadores brasileiros, aconteceu com o volante Paulo César Fonseca do Nascimento, mais conhecido como Paulo César Tinga ou somente Tinga, em 13 de fevereiro de 2014, quando jogava pelo Cruzeiro contra o Real Garcilaso, no Peru, uma partida da Copa Libertadores da América. O jogador entrou no segundo tempo do jogo e logo começou a ouvir torcedores imitando macacos quando tocava na bola. Visivelmente chateado e inconformado com a situação, o jogador repudiou o episódio e disse que trocava todos os títulos conquistados na carreira por um mundo sem preconceito e igual para todas as raças e classes:

“Eu queria não ganhar todos os títulos da minha carreira e ganhar o título contra o preconceito contra esses atos racistas. Trocava por um mundo com igualdade entre todas as raças e classes.” (TINGA, 2014)

O próprio meio futebolístico não está isento de reproduzir antigos preconceitos. Os episódios de Tinga, o goleiro Mário Lúcio Duarte Costa, mais conhecido como Aranha, entre outros no Brasil mostram que é longínqua uma sociedade mais justa em termos raciais.

A temporada de 2019 foi a que registrou o maior número de casos racistas no futebol desde que começou a ser contabilizado em 2014 pelo Observatório de Discriminação Racial no Futebol, tendo um aumento de 27,2 % nos casos de injúria racial, com 56 casos registrados pelo STJD, 12 ocorrências a mais do que foi registrado em 2018, que até então detinha a pior marca com 44 casos.

Um levantamento feito pelo site do GloboEsporte.com, mostra que cerca de 48% de atletas negros das séries A, B e C do futebol brasileiro já sofreu algum tipo de racismo ao longo da carreira. Essa pesquisa foi feita com 163 atletas de 14 estados brasileiros e das cinco regiões do país. A histórica falta de punição das entidades que organizam as competições é um ponto a ser destacado. Afinal, somente na temporada de 2019 é que a Federação Internacional de Futebol e a Confederação Brasileira de Futebol criaram protocolos minimamente rígidos relacionados aos casos discriminatórios.

A notificação do Supremo Tribunal de Justiça Desportiva sobre possíveis punições em casos de discriminação, aconteceu desde a paralisação para a Copa América em 2019, entre 14 de junho a 7 de julho. E seguem para a temporada de 2020. As penas aplicadas vão desde pagamento de multa a perda de pontos e mando de campo. Para isso, a entidade utilizou como base o artigo 243-G do Código Brasileiro de Justiça Desportiva, que diz: Art.243-G. Praticar ato discriminatório, desdenhoso ou ultrajante, relacionado a preconceito em razão de origem étnica, raça, sexo, cor, idade, condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência. (Incluído pela Resolução CNE nº 29 de 2009). (GLOBOESPORTE.COM, 2019).

Como podemos verificar, este artigo é importante, pois, vai além da discriminação racial, ele inclui as mais variadas discriminações que se manifestam na sociedade. Podemos dizer que ser diferente não deveria ser um problema, porém constatamos ao longo da nossa história e até hoje a sociedade continua a discriminar e tratar diferente os diferentes.

O sociólogo Rogério Baptistini Mendes, da Universidade Mackenzie, opina que os episódios nos estádios de futebol reproduzem o processo de exclusão do negro na sociedade por conta da escravidão. Nos momentos de tensão social frequentes nos estádios, quando as pessoas são colocadas como torcedoras de times diferentes, a exclusão ressurge.

"A abolição da escravatura foi insuficiente para inserir o negro na vida social. O que nós imaginávamos que estivesse sendo mitigado com o avanço da educação e a melhoria das condições econômicas e políticas voltou à tona com a polarização da vida social nos últimos anos". (MENDES, 2019)

Para Marcel Tonini, doutor em Ciências Sociais e pesquisador da Universidade de São Paulo, vários fatores explicam o aumento dos casos.

"Os jogadores parecem estar um pouco mais encorajados a denunciar, seja por autoconsciência, seja por influência de atletas internacionais; segundo, a imprensa tem tratado o tema com mais recorrência e profundidade; terceiro, talvez, pelas ações do Observatório e por clubes nas redes sociais."

O historiador Amailton Azevedo defende punições mais efetivas. "Não basta exibir faixas com dizeres 'Diga não ao racismo'. É urgente uma política que puna os clubes. Os torcedores racistas devem ser banidos e o patrocínio das empresas pode ser cortado para os clubes que não adotarem medidas contra racistas", sugere.

Uma das vozes mais ativas no futebol nacional contra o racismo, o técnico Roger Machado, acredita que a naturalização do preconceito e a falta de oportunidades para que os negros cresçam além das quatro linhas, assumindo cargos de liderança nos clubes, são dois fatores que contribuem para a continuidade do racismo. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apenas 12,8% dos negros chegam ao ensino superior e apenas 6,3% dos cargos de gerencia nas grandes empresas são ocupados por pessoas negras, números alarmantes que refletem no futebol.

"Nós nos posicionamos mais, muito mais do que em outros momentos. Mas isso gera enfrentamento. Quando você se posiciona, dizem que você está legislando em causa própria ou que você não pode falar, porque somos todos iguais. Somos todos humanos. Todos somos humanos, mas temos oportunidades bem diferentes. Quantos tem oportunidade que eu tenho de falar e ser falado?" (ROGER MACHADO)

Em seu discurso didático no Maracanã no dia 13 de outubro de 2019, o técnico do esporte clube Bahia, Roger Machado foi certo: "As pessoas ainda tentam dizer: 'Não há

racismo, está vendo? Você está aqui’. Não, eu sou a prova de que há racismo porque eu estou aqui.” O técnico tem plena consciência de que representa a exceção. Caso um dia se dê conta da importância de políticas pela igualdade racial, a CBF deveria, inclusive, homenageá-lo com a “Regra Roger”. Para que o comando do esporte mais popular de um país tão diverso como o Brasil, de tantos ídolos negros forjados no campo, deixe de se restringir às mãos de uma pequena parcela da população.

“O racismo nos estádios, que reflete uma sociedade em que a população foi conduzida a silenciar negros e pardos, precisa ampliar o debate para além da ocupabilidade individual e das hashtags solidárias, tão comuns nas redes sociais a cada caso ocorrido. É preciso entender e aceitar que, em um país onde 12,8% dos negros, entre 18 e 24 anos, estão no ensino superior – segundo dados do IBGE- e em que brancos recebem salários de até 72,5% mais altos que negros, a responsabilidade para uma mudança de paradigma é de todos. E, diante deste cenário, nada mais pertinente que o futebol, responsável por prender a atenção de milhões de brasileiros, use o seu poder popular para combater um problema que vai muito além das quatro linhas e não se limita a uma data no ano.” (CASTRO, 2019)

O imediatismo por resultados no futebol, afeta a todas as classes de treinadores. Poucos resistem a uma sequência de maus resultados. Trabalhos são frequentemente interrompidos por metas de curto prazo. Mas, como bem disse Cristóvão Borges, um dos poucos técnicos negros, que treinou times como Flamengo, Corinthians e Vasco, a tolerância às derrotas protagonizadas por técnicos negros costuma ser menor. A eles, sobretudo, não se permite comportamentos normalizados por brancos.

Analisando o preconceito racial no Brasil, Florestan Fernandes diz que, “O que há de mais evidente nas atitudes dos brasileiros diante do ‘preconceito de cor’ é a tendência considerá-lo algo ultrajante (para quem o sofre) e degradante (para quem o pratique)” (FERNANDES, 2007, p. 41). No Brasil, o racista é sempre o outro. Fernandes atribui essa atitude a uma consequência do ethos católico predominante no período da escravidão, onde o senhor que professava a fé no criador durante a missa da manhã era o mesmo que chicoteava os negros na casa-grande durante a tarde. O ethos católico explicaria assim a divisão entre teoria e prática, entre o que se fala e o que se faz. Segundo Lilia Schwarcz,

[...] seriam os mores cristãos os responsáveis por tal visão de mundo cindida, que fazia com que se seguisse uma orientação prática adversa às obrigações ideais. É por isso mesmo que o preconceito de cor no Brasil seria condenado sem reservas, como se representasse um mal em si mesmo; não obstante, a discriminação presente na sociedade continuava intocada. (SCHWARCZ, 2007, p. 18)

Para Florestan Fernandes, é como se os brancos tivessem consciência de sua responsabilidade na manutenção do racismo, mas não conseguisse convencer-se ou não visse nenhum motivo forte o bastante para mudar de atitude (FERNANDES, 2007, p. 41). Assim,

A liberdade de preservar os antigos ajustamentos discriminatórios e preconceituosos, porém, é tida como intocável, desde que se mantenha o decoro e suas manifestações possam ser encobertas ou dissimuladas (mantendo-se como algo “íntimo”; que subsiste no “recesso do lar”; ou se associa a “imposições” decorrentes do modo de ser dos agentes ou do seu estilo de vida, pelos quais eles “têm o dever de zela”). (FERNANDES, 2007, p. 41-42)

O último caso registrado no STJD, até o momento em que este trabalho está sendo escrito, aconteceu no estado do Rio Grande do Sul, estado que contém o maior número de casos de racismo no futebol no país. O episódio aconteceu em um jogo do campeonato gaúcho entre Caxias e São Luiz, “Substituído, o atacante Tilica, do Caxias, foi para cima de torcedores do São Luiz tirar satisfações. Ele alega que reagiu a agressões de cunho racista – teria sido chamado de macaco -, e que recebeu cusparadas de pessoas presentes em um dos setores da torcida do time da casa. Os agressores não foram identificados.” (OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL, 2020)

Seu colega de time que também é negro, lamenta o ocorrido e em entrevista após o jogo comenta,

“Se a gente pesquisar, a maioria da população do Brasil é negra e nem todo mundo tem as mesmas oportunidades, e nem todos agem com respeito com ambas as partes. Isso é vida, quando eu saí de casa meu pai falou que eu tinha que ser três vezes melhor para chegar em algum lugar, pelo simples fato de ser negro. Já fui em países onde teve genocídios, assassinatos e tudo, e nunca vi uma falta de respeito. Fui na Alemanha e nunca foi tão bem tratado, um país que tem história de racismo e intolerância, nunca fui tão bem tratado lá”

Cabe aos clubes fazer uma campanha com os seus torcedores, não só contra o racismo, mas também contra qualquer outro tipo de discriminação.

Na cultura do futebol, as pessoas sempre tiveram “licença” para serem preconceituosas na arquibancada, é preciso traçar uma linha civilizatória. A partir do momento em que os clubes se omitirem nessa luta, as pessoas tendem a colaborar mais para uma sociedade mais igualitária, justa e respeitosa.

Os atos contra os racistas têm que partir de jogadores também, não somente do jogador negro pedindo que ele se manifeste e denuncie, mas também dos jogadores brancos. Essas figuras no meio do futebol, por terem o privilégio de não sofrer isso na pele, precisam se manifestar também, aderirem as campanhas anti-racistas, sendo um grande início de mudança no cenário do futebol, exigirem uma postura e maior e mais pesada dos órgãos responsáveis, pois a partir do momento em que o sistema financeiro do futebol for afetado, não tendo jogos

ou com aplicações severas de multas, os clubes começaram a perder patrocinadores, perder direito de transmissão de seus jogos na TV e com certeza iriam começar a adotar uma outra postura em relação aos “torcedores” racistas.

Um exemplo de clube que luta contra o racismo no meio futebolístico é o Grêmio de Porto Alegre, que no mês de março de 2020 promoveu um encontro com funcionários para discutir a discriminação racial no futebol, a iniciativa do projeto “Clube de Todos” visa orientar e esclarecer sobre como reagir diante de atos discriminatórios. O vice-presidente do Conselho Deliberativo, Alexandre Bugin, falou sobre a importância do tema.

“A questão do preconceito é um comportamento da nossa sociedade. Um Clube da dimensão do Grêmio deve servir como exemplo e assumir a responsabilidade de conscientizar a todos de que discriminação racial é crime. Iremos com isso primar pela preparação de nossos funcionários e orientá-los a como proceder, controlar e amparar pessoas que passam por alguma situação de preconceito. Sabemos que é um trabalho longo e árduo, permanente e constante.”

Os casos de racismo demonstram que a questão ainda precisa ser muito debatida e comentada em todos os meios da sociedade, sem exceção ao futebol, que, apesar de seus jogadores, craques e ídolos negros, reflete o meio no qual vivemos e, portanto, ainda corrobora o racismo de diferentes maneiras. Apesar do número acentuado de casos de racismo registrados nos últimos anos, não é possível aferir se o racismo no futebol aumentou ou se foram as denúncias a ele que se fizeram maiores e mais relevantes. A título de comparação, destaca-se o episódio de 1923, no qual o Vasco reclamou de insultos racistas contra seus atletas de maneira quase inútil, sem receber apoio por parte das entidades futebolísticas da época, ao contrário do caso do goleiro Aranha em 2014 ou do caso do jogador Tinga, onde a repercussão do ocorrido foi até noticiada e cobrada pela imprensa internacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

William Edward Burghardt Du Bois sociólogo, historiador, filósofo e líder político. Em seu artigo de 1952, para a revista *Jewish Life*, “Os negros e o gueto de Varsóvia” narra que “o problema da raça (...) ultrapassa a linha da cor, do físico, da crença e do status, sendo uma questão de (...) ódio e preconceito humano”. Não é, portanto, a cor que importa, mas a “linha” que pode ser traçada que pode articular diferenças e ódio em qualquer grupo ou sociedade. Em 1949, Du Bois visitou o gueto de Varsóvia na Polônia, o que lhe deu um “entendimento completo do problema dos negros”, o que pode ocorrer em outros grupos culturais ou étnicos. A partir dessas premissas podemos concluir que uma pesquisa futura pode ampliar nossa reflexão sobre o preconceito racial e levar em conta a questão das classes sociais além dos acontecimentos raciais no futebol o que aponta para o fato de que a questão vai além do futebol masculino.

Ao longo da pesquisa realizada, constatamos que o racismo no futebol brasileiro, apesar de sermos uma nação miscigenada, verificamos relevantes ocorrências raciais até o final da década de 1920. Nesta época, o futebol se configurava um esporte de elite, e preconizava um racismo de exclusão. Aos poucos, o racismo de exclusão foi perdendo força, principalmente devido às conquistas dos clubes Vasco e Bangu, no Estado do Rio de Janeiro, além do Esporte Clube Corinthians, em São Paulo, com relevante contribuição nesse processo. Com a profissionalização desse esporte, na década de 30, o racismo passou a ser indireto e a inclusão parcial do negro ganhou força. Constatou-se que, a partir da década de 1950, com a Copa do Mundo de 1958, a participação do negro foi valorizada no futebol, com uma maior inclusão nesse esporte, ainda que as ocorrências de discriminações raciais se façam, ainda, presentes.

Nesta pesquisa tivemos a intenção de assinalar a relevância do debate acerca do tema, uma vez que as manifestações de racismo no futebol permanecem recorrentes no Brasil. À medida que o futebol não pode ser desvinculado do mundo externo e pode ser considerado um reflexo da sociedade em geral, o assunto torna-se ainda mais pertinente, uma vez que tais ações demonstram o racismo existente nos demais setores da sociedade brasileira.

As manifestações racistas no futebol mostraram-se, ao longo da pesquisa, não serem casos isolados, mas que confirmam as evidências estruturais e históricas que permanecem

enraizadas em parte do público, e que ampliou seu alcance, ocorrendo não somente presencialmente mas, também, pelas novas plataformas digitais, como o Facebook, o Instagram e o Twitter, o que poderá ser, talvez, uma boa e pertinente reflexão para ampliar o entendimento da complexa do preconceito racial, tendo em vista sua contestação e, desejamos todos, sua efetiva superação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFIF, A; BRUNORO, J. C. **Futebol 100% profissional**. São Paulo: Editora Gente, 1997.
AGUIAR, Flávio. **1958: A grande copa**. Rede Brasil Atual, 2017. Disponível em:

<<https://www.redebrasilatual.com.br/revistas/25/1958-a-grande-copa>> Acesso em 26 de set. de 2019

BANGU. **Suas histórias e suas glórias**. Bangu Atlético Clube, [s.d]. Disponível em:
<<https://www.bangu-ac.com.br/bangu/sua-historia/> > acesso em 11/03/2019

BASTHI, Angélica. **Pelé: estrela negra em campos verdes**. 2008. Rio de Janeiro - Garamond, 2008.

BORSARI, J. R. **Futebol de campo**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1975.

BRASIL FOOLTBALL CLUB. Direção: Dulce Queiroz e Roberto Stefanelli. Realização: TV Câmara – Julho de 2014. Disponível em
<<https://www.youtube.com/watch?v=mLrMntde8Y>> Acesso em 23 de set. de 2019

BRETAS, A. **O “football” e a “barbaria de atitudes” a: visão de Otto Prazeres em 1944**. In: X Congresso Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física e Dança. Escola de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006. 1 CD-ROOM.

CALDAS, W. **O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro**. São Paulo: Editora Ibrasa, 1989.

CARVALHO, Marcelo Medeiros de. **O negro no futebol brasileiro: inserção e racismo. Geledes, 2018. Disponível em:** <<https://www.geledes.org.br/o-negro-no-futebol-brasileiro-insercao-e-racismo/>>. Acesso em 26 de set. de 2019.

CARVALHO, Marcos. **Copa de 1950 – da euforia ao silêncio** (2010). por Helvídio Mattos, Brasil, colorido; preto e branco, 93 min. (documentário para o canal ESPN Brasil)
Código Brasileiro de Justiça Desportiva. **Artigo 213**. Disponível em: 4 de out. de 2019

COSTA, Elias. **Liga da Canela Preta: Conheça o campeonato organizado por negros**. 2018. Disponível em: <<https://www.torcedores.com/noticias/2018/11/liga-da-canela-preta-conheca-o-campeonato-organizado-por-negros> > Acesso em 14 de out. de 2019

DAMATTA, Roberto et ai. (orgs.). **Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982

_____. **“Antropologia do óbvio: notas em torno do significado do futebol que incorporou a pelada”**. In: Revista da USP, São Paulo, USP, 1994.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos Deuses: Futebol, cultura, sociedade**. Hilário Franco Junior - São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Dando tratos à bola: Ensaio sobre futebol.** Hilário Franco Junior - São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FREYRE, Gilberto. **Foot-ball mulato.** Diário de Pernambuco, 8 jun. 1938, p. 4

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao Sol e Sombra. 1995.** – São Paulo: PUBLIBOOK LIVROS E PAPEIS LTDA, 2004.

GORDON JÚNIOR, Cesar. **História social dos negros no futebol brasileiro: segundo tempo.** In: MURAD, Maurício. (Org.). Futebol: síntese da vida brasileira. Pesquisa de Campo. Rio de Janeiro: Eduerj, n. 3/4, p. 65-78, 1996.

GRANDELLE, Renato. **Negros formaram ligas de futebol informais no início do século XX. 2013.** Disponível em <<https://oglobo.globo.com/sociedade/historia/negros-formaram-ligas-de-futebol-informais-no-inicio-do-seculo-xx-10185713>> Acesso em: 12 de out. de 2019.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

HELAL, Ronaldo. **Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1997.

HOLLANDA, ALFONSI. **Bernardo Borges Buarque de, Daniela. 60 Anos da Copa de 1958: Depoimentos de jogadores da Seleção.** 2018. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/entrevistas/pepe/>> Acesso em: 06 de abr. de 2019

LEITE LOPES, José S. **“A vitória do futebol que incorporou a pelada”.** In: Revista da USP. Dossiê Futebol, São Paulo, USP, n.22, jun-agosto de 1994.

LEVER, J. **A Loucura do Futebol.** Rio de Janeiro: Record, 1983

LIVRO DA SOCIOLOGIA – 2ª edição – São Paulo: GloboLivros, 2016 pág. 73.

LOPES, José Sergio Leite Lopes [1994]. **“A vitória que incorporou a pelada”.** Revista USP, São Paulo, no. 22, junho/julho/agosto de 1994

MANENTI, Caetano. **Futebol a cores, uma história de racismo no Rio Grande do Sul.** 2014. Disponível em < <https://medium.com/brasil/da-ilhota-a-arena-de-tesourinha-a-patricia-moreira-739caea6b382>> Acesso em 06 de abr. de 2019

MANHÃES, Eduardo Dias. **Políticas de esporte no Brasil.** 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MENDES, Fábio. **Campeões da Raça – Heróis Negros da Copa de 1958. 2018.** Fábio Mendes. 2018

OBSERVATÓRIO. **Impunidade e omissão: Os desafios da luta contra o racismo no futebol. 2019.** Disponível em: <<https://observatorioracialfutebol.com.br/impunidade-e-omissao-os-desafios-da-luta-contr-o-racismo-no-futebol/>> Acesso em 5 de nov. de 2019.

PALMEIRAS. **Há 75 anos, Palmeiras estreava com novo nome e conquistava Paulistão de 1942.** Site Oficial DA Sociedade Esportiva Palmeiras.19/09/2017. Disponível em: <<http://www.palmeiras.com.br/news/2014/07/24/dia-do-palmeiras--a-historia-da-arrancada-heroica.shtml>> Acesso em: 24 de set. de 2019.

PEREIRA, Edmilson. **Rubro Negros, Alvinegros E Tricolores.**

PIRES, Breiller. **Convivência com o racismo, uma regra não escrita do futebol.** 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/esportes/2020-02-17/convivencia-com-o-racismo-uma-regra-nao-escrita-do-futebol.html>> Acesso em 2 de março de 2020.

RADEMARKER, Cauê. **Juventude perde mando de campo por caso de racismo.** Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas/2005/11/04/ult59u97527.jhtm>> Acesso em 04 de nov. de 2019

Relatório da Discriminação Racial no Futebol 2018, 2018. Disponível em: <<https://observatorioracialfutebol.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Relato%CC%81rio.pdf>> Acesso em: 05 de nov. de 2019

SANTOS NETO, José Moraes dos. **Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil.** São Paulo: Cosac Naify, 2002.

SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo: uma história institucional da CBF.** Coordenação: Adelina Maria Novaes Cruz, Carlos Eduardo Sarmento e Juliana Lage Rodrigues; Texto Carlos Eduardo Sarmento. Rio de Janeiro: CPDOC,2006. 176f. Disponível em <https://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1669.pdf> Acesso em: 23 de set. de 2019.

SCHULS, Peter. **“Tempo de Copa: cultura, ciência, tecnologia e... futebol”.** Jornal da UNICAMP. Disponível em <<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/peter-schulz/tempo-de-copa-cultura-ciencia-tecnologia-efutebol>> acesso em 13 de ago. 2019

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930.** Lilia Moritz Schwarcz. – São Paulo: Companhia das Letras, 1993

SOUZA, Paulo Eduardo Nunes de. **A importância da Copa do Mundo de 1958 para o brasileiro.** LUDOPÉDIO. Disponível em <<https://www.ludopedio.com.br/arquivancada/a-importancia-da-copa-do-mundo-de-1958-para-o-brasileiro/>> Acesso em: 12 de maio de 2019.

STEIN, Leandro. **Como futebol e sociedade se uniram para integrar os negros.** 2013. Disponível em: <<https://trivela.com.br/como-futebol-e-sociedade-se-uniram-na-abertura-aos-negros-no-brasil/>> Acesso em 14 de out. de 2019.

TONINI, Marcel Diego. **História oral de vida dos negros no futebol brasileiro.** ANPUH, 2008. Disponível em: <<https://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Marcel%20D.Tonini.pdf>> Acesso em 26 de set. de 2019.